

Topologia e desejo do analista

Revista da ATO – escola de psicanálise | Belo Horizonte
Topologia e desejo do analista
Ano 3, n.3 | p. 1-148 | 2017
ISSN: 23594063

Copyright © 2017 by ATO - escola de psicanálise

COMISSÃO DA REVISTA

Viviane Gambogi Cardoso
Neuza Loureiro

CONSELHO EDITORIAL

Arlete Campolina
Maria Luíza Bassi
Marisa G. Cunha Martins
Rosana Scarponi Pinto
Yáscara Sotero Veado
Wagner Siqueira Bernardes

Topologia e desejo do analista / Revista da ATO – escola de psicanálise. – Ano 3, n.3, 2017. – Belo Horizonte, 2017.

v.

Anual

Inclui bibliografia.

ISSN: 23594063

1. Periódicos. 2. Psicanálise – Periódicos. I. ATO – escola de psicanálise.

CDD: 157.25

CDU: 616.891.6

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Júnior Sena

CAPA E SITE Andrea Silveira

REVISÃO Regina Gambogi Alkmim
Marina Vilhena

RM Editoração

REVISÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA Deysi Nelly Bancayan Reategui
Júnia de Oliveira Cassiano
Pablo Moreira

ATO

escola de
psicanálise

Rua Padre Odorico, 128 | sala 701 | São Pedro
CEP: 30330-040 | Belo Horizonte | MG | Tel: (31) 3241-1255
www.atoescoladepsicanalise.com.br | ato@atoescoladepsicanalise.com.br

SUMÁRIO

VICISSITUDES

9

Faz-se topologia com o desejo do analista?

Nilza Ericson

19

Vicissitudes do desejo do analista

Bárbara Guatimosim

33

As formações do inconsciente e o desejo do analista

Rosângela Gazzi Macedo

41

Desejo do analista: recurso frente à resistência na transferência

Crasso Campanha Parente

OUTRA DIMENSÃO DO SABER

53

O sentido do sintoma

Marília Pires Botelho

59

Desejo do analista e função paterna

Marisa G. Cunha Martins

69 O pai como função real
Ana Maria Fabrino Favato

79 O gozo e a função do analista
Rosana Scarponi Pinto

87 “... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco
Viviane Gambogi Cardoso

REAL DA EXPERIÊNCIA

101 Um lugar êxtimo: possibilidade de uma análise
Maria Luiza Bassi

109 Corpo, gozo e lalangue
Labibe Geralda Gil Alcon Mendes

117 Transferência na clínica em cidade pequena:
testemunho sobre o suposto conhecer
Eduardo Lucas Andrade

ENLACE

129 A clínica psicanalítica e suas possibilidades no
sistema prisional
Maria Aparecida Oliveira do Nascimento

141 Normas de publicação

EDITORIAL

É sempre um desafio planejar a edição de uma Revista. E vê-la concluída, pronta para ser entregue aos leitores, é uma satisfação, principalmente pela persistência de encararmos as contingências do percurso. Alcançamos o ano três e número três com esta edição e comemoramos anos iguais de fundação da ATO – escola de psicanálise. Podemos afirmar que foi graças ao trabalho consistente de seus membros que, guiados pelo desejo e embasados na teoria de Freud e nos ensinamentos de Lacan, sempre reconheceram a importância de manter ativa a psicanálise, procurando estender os laços com outras escolas e com a sociedade.

Esta edição da Revista Eletrônica da ATO é a confirmação desse nosso propósito. Os textos foram reunidos a partir do tema proposto para nossa Jornada de 2016: Topologia e o desejo do analista. Uma das autoras pergunta: “Faz-se topologia com o desejo do analista?”.

Uma indagação inicial é pertinente: O que é uma topologia? Topologia é a única via da qual dispomos para aceder à estrutura real do espaço.

Sabe-se da dificuldade que é a apreensão da topologia na psicanálise, sendo considerada por muitos psicanalistas

algo inacessível. No entanto, aqueles que conseguem romper essa barreira inicial constataam sua importância e efeitos na clínica. Lacan se serve da topologia para fazer uma escrita do real, do que não cessa de não se escrever. Isso interessa à clínica, pois toca “o sentido do sintoma”, que é o real e permite sua apreensão por outra via que não somente a articulação significante e sua gramática.

Perguntamos em que a prática com a topologia pode transformar, nos psicanalistas, a sua escuta? Esta não se orienta pelo sentido, pelo inteligível. Pelo contrário, a escuta psicanalítica destaca aquilo que da linguagem ex-siste ao sentido, ou seja, o inconsciente enquanto real. “Lugar êxtimo” em que uma análise é possível. O analista escuta na fala do sujeito “o peso de seu gozo, o peso pulsional que está em jogo e visa deslocar o sujeito da posição na qual tinha certeza sobre o objeto”, ressalta uma das autoras.

Aí se coloca o desejo do analista que relaciona-se a uma posição, a um lugar de vazio no real da experiência, e será um “recurso para lidar com os percalços na transferência” dentro e fora do *setting* analítico. Desdobra-se outra dimensão do saber, “... porque não é isso!”, “além do pai”, no limite ao simbólico. “Corpo, gozo e lalange” se enlaçam.

A noção do desejo do analista, desejo que não é puro, foi-se construindo desde Freud e depois dele. Desde Freud sim, diz outra autora, “porque temos de sua prática exemplos notáveis tanto de sua retidão quanto de seus desvios,

incluindo sua sagaz autocrítica de ser ‘por demais pai’ com seus pacientes”.

Lacan em “O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” diz que o desejo do analista “é um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele”.

Topologia e desejo do analista, um convite aos incansáveis trabalhadores impulsionados por uma causa que é o próprio objeto *a*, não como algo a ser buscado, mas como aquilo do que não se pode fugir, a saber, a falta.

Boa leitura!



Vicissitudes

Faz-se topologia com o desejo do analista?

Nilza Ericson¹

Resumo: O texto propõe articular o desejo do analista como função à estrutura topológica da frase que formula a demanda, utilizando superfícies topológicas e o nó Borromeano.

Palavras-chave: Desejo. Demanda. Objeto *a*. Estrutura. Causa. Topologia.

É o que vou tentar...

Partindo da linguagem e levando em conta a sua gramática, “nesse caso, com certeza, ela decorre de uma topologia” (LACAN, 2012, p. 92). Lacan diz em “O Seminário 19: ... ou pior”, porém, simultaneamente ela engendra uma topologia.

E o que é uma topologia? Responde: “é uma definição matemática, abordada por relações não métricas, deformáveis” (LACAN, 2012, p. 92) que formaliza as propriedades das figuras no espaço (continuidade, contiguidade, delimitação) e são preservadas sob qualquer deformação contínua.

1 Psicanalista. Membro da Escola Letra Freudiana.

Seja na abordagem das superfícies ou dos nós, Lacan busca a escrita da estrutura do sujeito. Isso interessa à clínica, pois toca o Real, permite sua apreensão por outra via que não somente a articulação significante e sua gramática.

A origem topológica da linguagem está ligada ao que vem através da sexualidade. O que vem antes? É ser falante por causa da sexualidade ou porque é falante que está sujeito à sexualidade?

A linguagem, em sua tessitura de significantes, determina os cortes nas superfícies e as engendra.

Trata-se de nos darmos conta de como o campo do corte, a hiância do corte, organizando-se em superfícies, faz surgir as diferentes formas onde podem se ordenar os tempos de nossa experiência do desejo (LACAN, 1961-1962, p. 337).

Sabemos que o desejo do analista foi uma resposta de Lacan ao conceito de contratransferência. Ele propôs uma função que sustentasse o lugar de causa, como está escrito no discurso do analista. Assim, o agente desse discurso, o objeto *a* como *semblant*, é o que dá o fundamento e o suporte da posição do analista. Podemos escrever desejo “do” analista como uma função e não desejo “de” analista. Não se trata de extrair um sentido dessa expressão, seja no genitivo objetivo ou subjetivo. Na relação do sujeito ao Outro, lugar vazio oferecido à fala, o objeto demandado não é encontrado, pois ele falta desde a origem do ser falante. A esse objeto, Lacan nomeou o objeto *a*. O desejo do analista é esse desejo *a*-visado que possibilitará que o analista deixe o analisante dele se servir para ser causa de seu desejo.

Segundo Lacan:

Este desejo é o eixo, o pivô, o cabo, o martelo graças ao qual se aplica o elemento força à inércia que há por trás do que se formula como demanda no discurso do analisante (LACAN, 1996, p. 222).

Em que se baseia o discurso do analisante? No circuito da demanda que enoda o desejo. Sua demanda fundamental assim se articula: eu te peço que recuses o que te ofereço porque não é isso, sendo o “não é isso” aquilo que não se pode falar. O próprio da demanda é não poder situar o que se refere ao objeto do desejo.

Essas frases são tratadas por Lacan como o enodamento da estrutura do sujeito. Vai situá-las na topologia das superfícies e dos nós.

É o nó Borromeu que vem escrever topologicamente esse enodamento da estrutura: as três frases sustentam essa estrutura, pois se se retira uma delas, as outras duas se desatam, como afirma Lacan em “O Seminário 19: ... ou pior”: “O enodamento dos três registros real, simbólico e imaginário do modo Borromeu foi uma descoberta que ‘me caiu como um anel no dedo’” (LACAN, 2012, p. 88).

Há uma relação terciária nas frases entre os três verbos:

Eu te peço..... emissor.....pedir
 Que me recusesdestinatáriorecusar
 O que te ofereçoofertaoferecer
 Porque não é issoobjeto *a*

Faz-se topologia com o desejo do analista?

É através da transferência que se dá esse endereçamento do sujeito a um Outro como lugar.

Fragmento Clínico

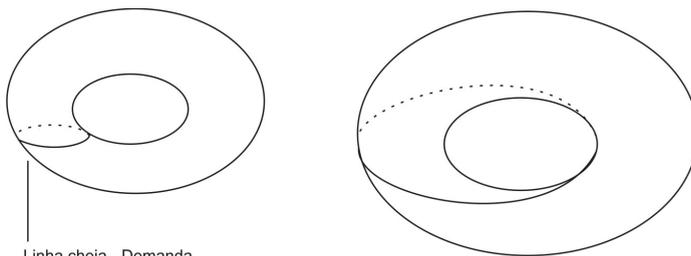
Demanda de uma analisante, fragmento de uma sessão:

- B: *Preciso que você me tire de casa! Estou confinada.*
- Analista: *Com (a)finada?*
- B: *O fim dela foi horrível, é tudo que não quero para mim!*

Sessão seguinte

- B: *“Com nada” foi o que essa paralisia, a fuga no confinamento me trouxe. Tiraram o patrocínio do meu projeto, fiquei “com nada”. Só que agora estou a fim de sair de casa e sair “correndo atrás” de outros.*

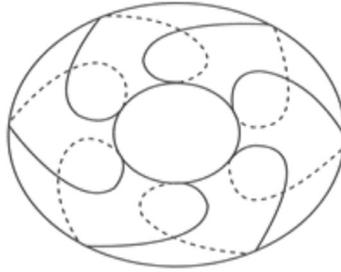
Lacan vai tomar a superfície do toro para situar o que ocorre na experiência analítica, buscando localizar a estrutura da demanda. Essa superfície, sem margem contínua e orientável, organiza-se em dois vazios: um interior, “alma do toro”; e um central, que lhe é exterior. São vazios que não podem ser reduzidos na medida em que são fundamentais na operação analítica.



Linha cheia - Demanda

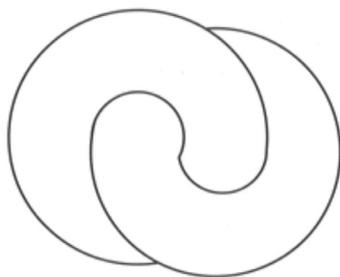
Faz-se topologia com o desejo do analista?

Os significantes, que fazem o circuito da demanda a qual não é passível de satisfação, que não tem como ser atendida, vão engendrando as voltas no interior do toro.



Há sempre uma volta a mais da qual o sujeito não se dá conta e aquela que não se conta, mas que se escreve: a volta do desejo criada pelo encontro com o “nada fundamental” que a cada volta da demanda se reativa. Os três registros RSI articulam no sujeito essas voltas e aparecem aí enodados. Assim, o circuito da demanda e o circuito do desejo se conjugam. O objeto metonímico do desejo desliza na cadeia como falta que se repete.

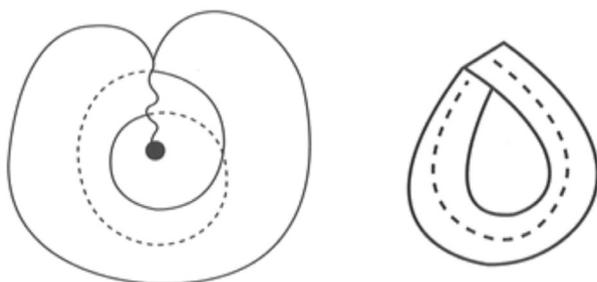
O sujeito é representado pelos significantes (simbólico) – “imaginariza” a experiência da falta como frustração –, (imaginário) – topa com a ausência do objeto que se localiza no buraco central do toro, no seu centro exterior, isto é, a privação (real). A privação situa aquilo que do Outro é impossível responder à demanda. O Outro é esse lugar da alteridade absoluta que o sujeito neurótico busca enlaçar em um “abraço tórico”. O enodamento dos dois toros pelo buraco central, ilusão de complementariedade, é de fato a conjunção de dois vazios.



Faz-se topologia com o desejo do analista?

Lacan diz que: “Há uma dissimetria na relação da demanda e do objeto do sujeito em relação à demanda e ao objeto no Outro” (LACAN, 1961-1962, p. 358).

A proposta de Lacan de operar o corte de dupla volta no toro, um corte de “oito interior”, fará surgir o estofo duplo de uma banda de Moebius. No vazio desse oito interior, desse estofo dobrado sobre si mesmo, surge a banda de Moebius como puro corte, isto é, o sujeito como corte, resposta do Real, já que ele é efeito da lacuna aberta pela hiância entre S1 e S2.



Por esse corte de dupla volta nos dois toros, o sujeito e o Outro, se demonstra a impossibilidade de oferecer um objeto que satisfaça a demanda, pois esse objeto é o que se

recusa porque “não é isso”. O sujeito como corte está privado do acoplamento com o objeto e é no “oito interior”, no “desdobramento sobre si mesmo que vemos aparecer o que ele encerra e o que diz respeito à constituição do desejo” (LACAN, 1961-1962, p. 266).

Os cortes que interessam são aqueles que mudam a estrutura do discurso do analisante. O toro mostra que é preciso o corte de dupla volta para extrair o sujeito, puro corte, sem nenhum complemento para restaurar a união ilusória (fantasmática) com o objeto.

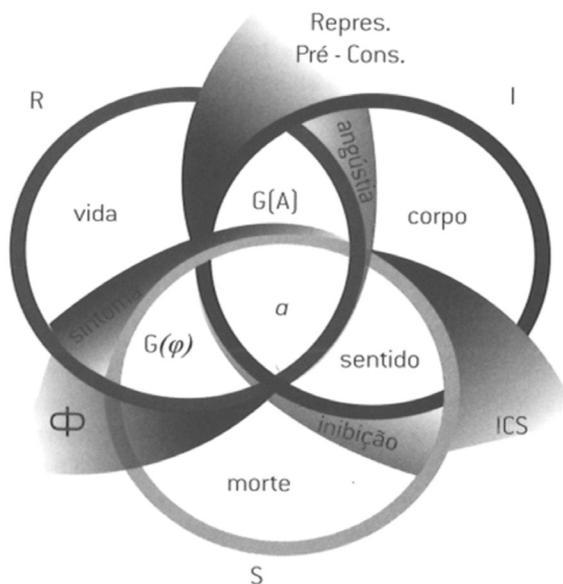
Se a topologia é a estrutura, onde situar o lugar do desejo nestas superfícies, no toro e na banda de Moebius? E, ainda, no nó Borromeu?

A topologia das superfícies nos anos 1960 permitiu a Lacan uma escritura da estrutura, durante os anos 1970 será à escritura topológica dos nós a qual vai se dedicar. Os três registros RSI já eram utilizados como referência de um enodamento das três dimensões do espaço. Quando Lacan inventa a escritura do nó, vai reafirmar: “O nó é a estrutura”. Rompe com o recurso ao modelo, à analogia e à metáfora. O nó Borromeu, é preciso fazê-lo. Trata-se de atar, a partir de três, os elos RSI de forma homogênea, sendo heterogêneos entre si. Os elos se sustentam pela materialidade real de seu enodamento. Se se retirar um dos elos, os outros dois se soltam; é o que caracteriza a propriedade borromeana do nó.

Em “O Seminário 22: RSI”, Lacan formaliza a noção de estrutura que o nó escreve. Esta “supõe” um Real e o nó “suporta” o Real.

Ao planificar o nó Borromeu, se constata o ponto central próprio à sua estrutura: o objeto a que conjuga as três superfícies que se cruzam segundo determinadas passagens por cima e por baixo e engendram três buracos: gozo fálico, gozo do Outro e o sentido.

Faz-se topologia com o desejo do analista?



Por que o nó interessa à psicanálise e, mais ainda, à nossa prática?

O que está no centro de nossa prática é o objeto que escapa à representação e é o que aparece no centro do enodamento borromeano. A localização do objeto a no nó é o que permite a elaboração dos gozos, desde que sua função de

causa do desejo seja posta em movimento. Esta é a função do desejo do analista.

No buraco central do nó está aquilo que não permite que nenhum “todo” se instaure. Sustenta a estrutura “não toda” do sujeito em sua articulação com o objeto.

Lacan diz: “O parceiro desse eu, que é o sujeito de toda a frase da demanda, não é o Outro, e sim algo que vem substituí-lo sob a forma dessa causa de desejo” (LACAN, 1982, p. 171).

Conclusão

Penso que os textos dos analistas aqui apresentados são efeitos de uma produção. São objetos “entregues”, que são “cedidos”, caem como o objeto *a*. Pode-se considerar que são respostas à demanda de participar dessa Jornada.

A demanda foi acolhida: cá estamos apresentando os textos, os trabalhos. Foi oferecido o lugar, a escuta.

Espero que os textos “deixem a desejar”, não preencham ilusoriamente de saber porque “não é isso”, porque são objeto *a* a serem tomados como causa de desejo.

Abstract: This text tries to articulate the analyst’s desire as a function together with the phrasal topological structure which formulates the demand by using topological surfaces and the Borromeo knot.

Keywords: Desire. Demand. Object *a*. Structure. Cause. Topology.

Referências

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 19: ... ou pior* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 9: a identificação* (1961-1962). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Obras consultadas

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GODOY, Heloisa. A topologia é a estrutura. *Revista da Aleph – escola de psicanálise – Cadernos – A escrita de Jacques Lacan: matemáticas, esquemas, grafo, a lógica e a topologia*, Belo Horizonte, v. 5. p. 127-138, 2010.

FRICHE, Maria Augusta; CARDOSO, Maria Regina. Topologia das superfícies. *Revista da Aleph – escola de psicanálise – Cadernos – A escrita de Jacques Lacan: matemáticas, esquemas, grafo, a lógica e a topologia*, Belo Horizonte, v. 5. p. 139-161, 2010.

Vicissitudes do desejo do analista

Bárbara Guatimosim¹

Resumo: O termo “desejo do psicanalista” configurou-se juntamente com a trajetória das análises, desde seus começos até seus finais. Verificamos que a lógica e a ética da práxis analítica orientam a direção desse desejo. Se este visa, do lado analisante, fazer emergir a singularidade do sujeito, sua “diferença absoluta”, do lado do analista, daquele que suporta o ato, o desejo se orienta desde o significante que lhe supõe a transferência para uma cadência como resto almejada. Contudo, sabemos que esse percurso pode sofrer desvios. Sustentamos que, não sendo o analista um dejetivo qualquer, esse lugar anuncia uma especificidade que, por sua vez, denuncia sintomas.

Palavras-chave: Desejo do psicanalista. Transferência. Falo. Resto. Objeto *a*. Ato.

A noção do inconsciente existia antes de Freud, mas tão somente sua existência reconhecida não fez, por si, o método psicanalítico. Da mesma forma, não é surpreendente que a figura do psicanalista tenha precedido a concepção de seu

1 Psicanalista. Membro do Fórum do Campo Lacaniano.

desejo. Esse desejo tem sua especificidade e não é “puro”, como diz Lacan, encerrando “O Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”:

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele (LACAN, 1964, p. 260).

A noção do desejo do analista foi-se construindo desde Freud e depois dele. Sim, desde Freud, porque temos de sua prática desejante exemplos notáveis tanto de sua retidão, em manter-se no lugar do analista, quanto de seus desvios, incluindo sua sagaz autocrítica de ser “por demais pai” com seus pacientes. (Muitos consideram, por outros rumos tomados pela psicanálise, que Winnicott, por exemplo, teria sido por demais mãe, na esteira de M. Klein.)

É com Lacan, principalmente, que vemos se configurar mais claramente o conceito do desejo do analista e, de modo mais notável, no final de “O Seminário 7: a ética da psicanálise”, de 1959-1960,² e em “O Seminário 8: a transferência”, de 1960-1961, quando interroga mais insistentemente a operação analítica e os riscos de seus deslizamentos.

O objetivo não é nada menos que colocar, no ponto máximo daquilo que articulamos este ano, a função do desejo não apenas no analisando, mas essencialmente no analista” (LACAN, 1961, p.174).

2 Capítulo: A demanda de felicidade e promessa analítica.

Depois disso, o termo não é mais prescindível e, ao longo de seu ensino, Lacan trabalha, teoriza e opera com a especificidade desse desejo. Do lugar inicialmente dado por Lacan ao analista, o de SsS, o candidato, ou o pretendente a psicanalista já sofre o alerta: quem supõe, seja o poder ou o saber, é o analisante com sua demanda de cura pelo amor e pelo saber ao Outro suposto. O analista se presta a isso, banca esse lugar idealizado, suporta a transferência para poder com esta operar.

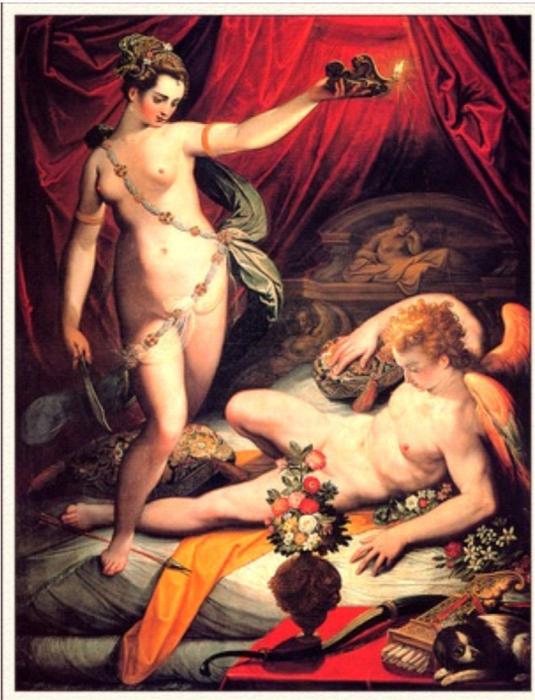
Nesse lugar de amado e desejado, o analista será aproximado ao grande ϕ . Lacan, nesse momento de seu ensino, em “O Seminário 8: a transferência”, precisa que está tomando aqui o falo não em suas polaridades de significante simbólico e imaginário, mas como “Símbolo falo, e este talvez seja, com efeito, o único significante a merecer, em nosso registro, e de uma maneira absoluta, o título de símbolo” (LACAN, 1961, p. 234). Não sem antes alertar que: “Este símbolo nos é indispensável para compreender a incidência do complexo de castração no que tange a transferência” (LACAN, 1961, p. 233). “Este lugar do ϕ é o *tópos* de uma presença real que não responde”. Lacan esclarece: “Este símbolo ϕ se define resumidamente como símbolo no lugar onde se produz a falta de significante” (LACAN, 1961, p. 234). Mas esse lugar de silêncio ainda interroga: *Che vuoi?* É diante do “Que queres?” que se revela a falta de significante de que se trata em ϕ .

[...] que o analista em sua função tenha o lugar do falo, o que isso pode querer dizer? É que o falo do Outro, é precisamente o que encarna, não o desejável, o *ερόμεινος*

{eromenos}, embora sua função seja a do fator pelo qual qualquer objeto possa ser introduzido na função de objeto do desejo, mas a do desejante, do $\epsilon\rho\omega\nu$ {erástes}. É enquanto o analista é a presença-suporte de um desejo inteiramente velado que ele é esse *Che vuoi?* encarnado. (LACAN, 1962. p. 313).

Lacan ligará o desejo do analista ao *Phalo* no ponto mais alto de seu vazio. O símbolo grande *Phi* não fala, mas interroga e faz falar, assim como o desejo é enigma que articula, mas não é articulável, nem visível. Lacan ligará o lugar dessa “presença real” ao ϕ como lugar da castração, lugar de uma ausência presentificada, lugar que ocupa o *bouquet* de flores no quadro de Zucchi onde o artista re-vela o desejo de Eros.

Vicissitudes do desejo do analista



Jacopo Zucchi,
“Amor e Psique”.

O falo, mesmo tão frequentemente elidido, é aquele que, de todos os signos possíveis, “reúne em si mesmo o signo, o meio de ação e a própria presença do desejo como tal” (LACAN, 1961, p. 241). Essas condições fazem emergir o falo enquanto “presença real”, o que o faz também insuportável.

Ali onde vemos simbolicamente o falo, é justamente onde ele não está ali onde nós o supomos sob o véu, ali onde ele está manifestado na ereção do desejo, é neste esquema, do lado de cá do espelho. Se ele está ali diante de nós, no corpo fascinante de Vênus (referência ao quadro de Boticelli ‘O nascimento de Vênus’), é que justamente na medida em que ele não está ali (LACAN, 1961, p. 372).

Lacan desafia nesse ponto, em longos exemplos, as várias e muitas degradações a que pode ser submetida essa sede do desejo. Essa presença real, esvaziante, surge no hiato entre os significantes (presença emergente que Lacan vai depois atribuir também ao objeto *a*) e pode sofrer todo tipo de maus tratos:

[...] a histeria pode fazer entrar, no lugar do vazio, seu corpo, o corpo do outro e mesmo a falta como bandeira de sua demanda obturante. A neurose obsessiva maltrata o falo escamoteando-o e tamponando a falha na oblatividade, idealização e degradação; o objeto fóbico eleito preenche a fenda, e o fetiche se substitui à castração no mecanismo perverso (LACAN, 1961, p. 256).

É aí, nessa ausência (também) real que o grande ϕ presentifica, que Lacan, com Freud, articula a aventura do nosso desejo, a gravitação do nosso desejo “com o objeto desde sempre perdido,

que jamais é senão reencontrado, isto é, jamais realmente reencontrado” (LACAN, 1961, p. 240). Objeto que está sempre no horizonte de nossas fantasias, e pelo fato de que nunca pode ser apreendido, transmissível e partilhável, nos joga no mundo dos objetos intercambiáveis, utilitários.

É isso que faz a hiância entre a constituição do objeto privilegiado que surge na fantasia e toda espécie de objeto do mundo dito socializado, do mundo da conformidade (LACAN, 1961, p. 240).

É então com o grande *Phi*, “primeira letra da palavra *phantasia*” (LACAN, 1976, p. 123), que Lacan recorta, através do fantasma, o objeto agalmático,³ o lugar em que o velho Sócrates, *Autre* da cena, “não é mais que o invólucro daquilo que é objeto do desejo”, objeto que de degradado como vimos que pode ser, através da transferência, passa a objeto decaído: de *A* para *a*. Ainda em “O Seminário 8: a transferência” lemos Lacan comentando o que está em jogo:

O que constitui o *Triebregung* (moção pulsional), em função no desejo – o desejo na sua função privilegiada, distinto da demanda e da necessidade – tem sua sede no resto, ao qual corresponde na imagem essa miragem pela qual ela é justamente identificada com a parte que lhe falta, e cuja presença invisível dá ao que se chama de beleza o seu brilho. [...] Aqui está o ponto central em torno do qual ocorre aquilo que temos para pensar sobre a função do objeto *a* (LACAN, 1961, p. 373).

3 Vemos que é primeiramente como ágama, objeto de desejo, objeto de amor que Lacan liga a função do analista aproximando-o, mais uma vez, do Falo, do símbolo ϕ .

Pergunta ainda Lacan: “Como não reconhecemos, nós analis-tas, o que está em questão?” (LACAN, 1961, p. 178). Sócrates, está aí o primeiro psicanalista que, se furtando a encarnar o objeto valioso, diz a Alcebiades: “Seu amor visa outro. Cuide de sua alma”. O desejo do analista, desde então, se afirma claramente para Lacan: Não é desejo de ser (analista), mas de des-ser; é lugar do objeto decaído, de resto, significante qualquer, palha, estrume, dejetos, rebotalho, esterco, lixo, merda⁴...

Mas com ressalvas:

O psicanalista, como se diz, aceita ser merda, mas não sempre a mesma. Isso é interpretável, com a condição de que ele perceba que, ser merda, é exatamente o que ele quer, a partir do momento em que se faz testa de ferro do SsS. [...] O que importa, portanto, não é esta merda ou aquela. E também não é qualquer uma. E que ele entenda que essa merda não vem dele, como não vem da árvore que ela recobre no país bendito dos pássaros: da qual mais do que o ouro ela faz o Perú. (Pierre Turkey?)⁵. [...] O pássaro de Vênus é cagão. A verdade, no entanto, nos chega sobre as patas da pomba, percebemos isso. Não é razão para que o psicanalista se tome pela estátua do Marechal Ney. Não, diz a árvore (Ulm), diz não por ser menos rígida, e faz com que o pássaro descubra que ele continua por demais sujeito de uma economia animada na ideia de Providência (LACAN, 1967, p. 37).

4 Sentido presente em vários momentos da elaboração de Lacan: Proposição de 1967 (1ª e 2ª versões), Discurso a EFP, Nota italiana, Seminário do Ato, etc.

5 Pergunta da autora.

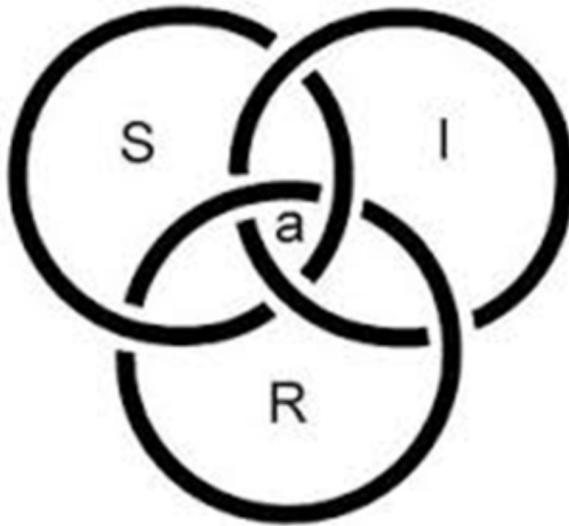
Lacan deixa claro nesse “Discurso a EFP”, apesar das referências que em alguns pontos nos escapam em um diálogo um tanto obscuro, que se fazer merda, como atitude analítica, não é se postar como estátua passiva do cocô alheio, do pássaro do amor de transferência que nos pousa. Não é um lugar para masoquismos. A cadência como dejetos não é por que assim o quer o grande psicanalista da Rua do Olmo e nem mesmo Deus, com sua divina providência. O lugar decaído é estrutural e fim daquele que trabalha para que, na peleja analítica, vença a divisão do sujeito, a queda dos ideais e para que o fruto da castração, o objeto *a*, resto a ser descartado, aquilo a que se presta o analista, permita que Um não seja todo inteiro, mas que possa ser d’Um entre outros, com sua diferença.

O analista, como Freud desconfiou, não se conforma à fantasia do Outro; não é por demais pai, o é por de menos: o analista, no desvelo de sua função é um resto, uma outra versão do pai morto, fruto da lei da castração. O analista é sumo de restos parentais, objeto *a*, fruto da operação de ϕ sobre \bar{A} (efeito de corte que podemos também ler na fórmula da sexualização).

Temos aí, na operação analítica, dois momentos que atualizam a castração no que esta possa ter ainda ficado no rochedo imaginário. No primeiro momento, a queda da libra de carne da suposição do saber – perda seca: “perda seca, que não salda nenhum ganho, se não é sua retomada na função da pulsação” (LACAN, 1964, p. 122), ou seja, pulsação do desejo. Quem sabe esse resto possa ser o esterco do saber inconsciente, “o húmus humano” (LACAN, 1973, p. 53). O que resta do olmo, da árvore, que possa ser transmitido e que nos valha? E ainda, no segundo momento,

que reitera mais uma vez a perda de gozo: o des-ser do analista, a queda da máscara que lhe dava lugar de causa, deixando-se cair, ao fim do baile, como um significante qualquer, de volta ao tesouro de onde foi colhido o significante da transferência que o animou. Isso implica no luto do analista em sua função. Em seu desejo, diz Lacan (1961), tal como Sócrates diante do amor de Alcebíades (não é comigo, é com Agatão), ele se vê valendo como qualquer outro. O analista seguirá então interrogando o sujeito analisante ao risco de se ver desaparecer.

Dito de outro modo, nesse processamento, o objeto *a* é aqui, no nó borromeano, triplamente interditado, restando lapidadas suas faces: RSI.



Contudo, o objeto *a* como agente, o lugar que aciona o discurso do analista, é também o centro do turbilhão que faz as hélices do nó borromeano girarem. Pegando esse jato, é o desejo do analista enquanto objeto *a*, no ponto máximo de seu vazio, que

faz o efeito turbo na experiência analítica. Um efeito *vacuus* da função pai, função de enodamento convocada pela causa e, por isso, a análise não se faz sem risco, não se têm sempre respostas à altura do nó, ou seja, respostas amarradas de sujeito. Pois, se o objeto *a* nasce com o nó, o sujeito é também seu fruto. A função analítica convoca à fala e ao falo. Quando a função fálica falta, a resposta pode ser precária, pode emergir truncada: podemos obter a desorientação, até mesmo o delírio, mas também a reorientação ética na construção de singularidades.

No entanto, como efeito da perda irremediável, gozo irrecuperável, o objeto *a*, objeto parcial, assim esvaziado e destacado do corpo como causa, concorrerá com os objetos tamponadores que mantêm o gozo e o sofrimento nas estruturas clínicas. E aqui algo importa ressaltar: temos verificado que a avalanche de mudanças, analíticas e terapêuticas, produzidas em uma análise, metamorfoses reais, não são efeitos necessários da “pressologia”⁶ (LACAN, 1961, p. 351), ou seja, da rapidez de sessões curtas – mera coincidência com nossos tempos em que reina o Deus Capital?

Depois de Lacan, em nome de Lacan, e para imitar Lacan, muitos se instalam na prática da *fast session*, previamente contabilizada, ou seja, padronizada, que muitas vezes somente produzem, com a interrupção do discurso, angústias enlouquecedoras que desorientam o analisante, porque perdem o sinal de sua bússola, por não concernir o desejo. O analisante fica então perdido, em desespero errático e cai, “fazendo análise”, em uma

6 (lógica na pressa) Hâte en logique.

zona de gozo. A transformação efetiva em uma análise é bem mais efeitos de um recorte lógico, que não atropela a durabilidade crono-lógica dos tempos de ver, compreender e concluir, e que ainda opera contando com a angústia. Lacan, em “O aturdi-to”, trabalhando a intervenção analítica, diz-nos dos três pontos nodais nos quais se concentram os equívocos na enunciação. O número 3 é “a lógica, sem a qual a interpretação seria imbecil” (LACAN, 1972, p. 494.) Podemos dizer que a duração, na direção do tratamento, conta com o tempo, mais do que conta o tempo na quantificação. Porém, um não vai sem o outro. O tempo lógico nasce do cronológico, e deste se extrai. A temporalidade na análise parte da delimitação de um *Cronos* – pois o dia, a noite e a vida são limitados – para deste prescindir. Essa espera – *Erwartung* – em um tempo lógico, exerce uma pressão precisa, orientada pela ética desejante, quando o cálculo da angústia suficiente pode conduzir da assertividade do desejo até ao ato.

Résumé: L’expression “désir du psychanalyste” a surgi parallèlement à la trajectoire des analyses, depuis leurs débuts jusqu’à leurs fins. Nous avons vérifié que la logique et l’éthique de la praxis analytique orientent la direction de ce désir. Si celui-ci a pour but – du côté de l’analysant – faire surgir la singularité du sujet, sa “différence absolue”, du côté de l’analyste, de celui qui soutient l’acte, le désir s’oriente à partir du signifiant qui suppose à l’analyste le transfert, vers une cadence comme rest souhaité. Cependant, nous savons que ce parcours peut souffrir des détours. Nous affirmons

que si l'analyste n'est pas un déchet quelconque, ce lieu annonce une spécificité qui, à son tour, dénonce des symptômes.

Mots-clés: Désir du psychanalyste. Transfert. Phallus. Rest. Objet a. Acte

Referências

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. - *O Seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 9: a identificação (1961- 1962)*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2011.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sintoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). *In: LACAN, Jacques. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497.

LACAN, Jacques. Nota Italiana (1973). *Revista Letra Freudiana, Documentos para uma Escola II – Lacan e o passe*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 0', p. 50-53, 1995.

LACAN, Jacques. Discurso a EFP (1967). *Revista Letra Freudiana, Documentos para uma Escola II – Lacan e o passe*, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 0', p. 26-43, 1995.



As formações do inconsciente e o desejo do analista

Rosângela Gazzi Macedo¹

Resumo: A autora retoma alguns pontos importantes sobre o desejo para depois articular com o desejo do analista. O que Freud apreendeu, tanto dos sonhos como dos sintomas, foi sempre um desejo. Lacan, a partir de “O Seminário 5: as formações do inconsciente”, traz a inscrição do desejo no Outro. É no lugar do Outro barrado que o sujeito deve ter acesso a algo de seu próprio desejo. Essa mudança, do lugar do Outro como desejante, é que vai possibilitar a inclusão do desejo do analista na operação analítica.

Palavras-Chave: Desejo. Demanda. Angústia. Outro. Objeto. Desejo do analista.

A descoberta freudiana depositou a ênfase, desde o início, no desejo. O que Freud apreendeu, tanto dos sintomas, quanto dos sonhos, foi sempre um desejo.

O desejo humano não está diretamente implicado numa relação pura e simples com o objeto que o satisfaz, mas está ligado a uma posição assumida pelo sujeito na pre-

1 Psicanalista de Belo Horizonte.

sença desse objeto e a uma posição que ele assume fora de sua relação com o objeto, de tal modo que nada jamais se esgota, pura e simplesmente, na relação com o objeto.

Lacan, em “O Seminário 5”, nos lembra:

[...] a análise se presta para lembrar uma coisa conhecida desde sempre, qual seja, o caráter vagabundo fugidivo, inapreensível do desejo. Ele justamente escapa à síntese do eu, não lhe deixando outra saída senão, ser, a todo instante, apenas uma afirmação ilusória de síntese. Embora seja sempre eu quem desejo, isso em mim só pode ser apreendido na diversidade dos desejos (LACAN, 1957-1958, p. 332).

O desejo se apresenta sob uma forma ambígua e não nos permite orientar o sujeito em relação a esse ou aquele objeto da satisfação. As formações do inconsciente, como o sonho e o sintoma, vão ao sentido do reconhecimento do desejo, de um desejo X – desejo de reconhecimento – desejo recalçado. Como desejo de reconhecimento, ele é um desejo, talvez, mas, no final das contas, um desejo de nada. É um desejo que não está ali, um desejo rejeitado, excluído.

Podemos colocar o desejo como aquilo que se encontra além da demanda. É preciso um “além da demanda” na medida em que, por suas exigências articulatórias, a demanda modifica, transpõe a necessidade e cria a possibilidade de um resíduo, de um resto.

Assim, um resto da necessidade, não recoberto pela demanda, insiste no real. Na margem, em que a demanda se separa da necessidade, inscreve-se o desejo.

É justamente a incidência do significante nas necessidades que marca a existência de um desvio, há alguma coisa que não funciona. Mas algo surge e restabelece esse desvio e se apresenta como esse “para além”, que é o que chamamos de desejo. Por isso, o desejo articula-se necessariamente na demanda, só podemos nos aproximar dele por intermédio de alguma demanda.

O desejo é, na realidade, a insatisfação permanente da linguagem, a defasagem entre toda intenção e toda demanda, em que nunca se obtém o que se pede. Lacan constrói o grafo do desejo, apoiando-se na insatisfação; há uma defasagem permanente entre o campo do sujeito e o campo do Outro.

Lacan faz uma importante contribuição para a clínica, ao introduzir que não basta operar com o conceito de grande Outro, mas é preciso operar com sua relação com o desejo. Antes o lugar do Outro era pensado como lugar da fala, um lugar abstrato, anônimo, quase imortal, e, por outro lado, tínhamos o que pertence à ordem do desejo, da sexualidade, que ele, no começo, remetia à ordem imaginária.

A partir de “O Seminário 5: as formações do inconsciente”, o desejo, que até então era definido essencialmente pelas capturas imaginárias, transforma-se numa metonímia da cadeia significante, encontrando uma definição no simbó-

lico. O que traduz a inscrição do falo no lugar do Outro é, precisamente, que há desejo no Outro, e é em torno do desejo do Outro que aparece a novidade desse seminário, há uma inscrição do “desejo no Outro”.

Uma parte da reflexão lógica e clínica de Lacan gira em torno do paradoxo de ter que admitir a presença do desejo no Outro. O sujeito está barrado, mas o Outro, também. É no lugar do Outro barrado que o sujeito deve ter acesso a algo de seu próprio desejo. Essa elaboração faz com que Lacan inclua o desejo no nível do Outro, e é essa consideração que o leva a situar o lugar $S(\mathcal{A})$ no grafo do desejo. Está no nível da mensagem final, é no nível de \mathcal{A} que o sujeito pode encontrar a resposta a sua pergunta sobre o desejo.

Essa mudança, do lugar do Outro como desejante, tem uma implicação clínica e é o que vai possibilitar a inclusão do desejo do analista na operação analítica. É preciso fazer uma articulação com outros conceitos e outros textos de Lacan, como, por exemplo, com “O Seminário 10: a angústia”, no qual Lacan desenvolve a noção do objeto a como causa de desejo.

No estudo sobre a angústia, vê-se que ela está diretamente ligada ao desejo; é um afeto que surge, frente a certos confrontos do sujeito com o desejo do Outro, com o lugar da falta. A função reveladora da angústia está relacionada com a falta central do sujeito, que se articula quando este, no caminho de seu desejo, depara-se com o desejo do Outro.

Podemos situar a angústia como um modo radical, sob o qual é mantida a relação com o desejo, uma relação que é de sustentação do desejo, pois o objeto falta. É a partir disso que Lacan nos diz que o desejo é o remédio para a angústia. O desejo, como ponto central da direção da cura, faz com que o analista busque meios de operar com ele na clínica.

No início do tratamento, o sujeito se dirige ao analista numa posição demandante e espera que este lhe dê soluções para o mal-estar por ter se deparado com algo do real. O sujeito dirige-se a um outro a quem ele supõe ter um saber sobre o seu desejo. Mas esse Outro, o analista, não dispõe de uma última palavra, de um derradeiro significante, e se revela ao sujeito, em sua inconsistência.

A essa falta do Outro, que é de estrutura, o sujeito vai ser exigido a responder. Para além das suas demandas, perfila-se a estrutura fundamental do desejo que o divide intimamente. No atravessamento ou na desconstrução da fantasia fundamental, o sujeito vai constatar que se trata de uma defesa, uma construção, para tentar responder ao enigma do desejo do Outro – o que o Outro quer de mim?

Para que isso ocorra, o analista deve, durante o processo analítico, cair da posição vinculada ao Ideal, como tal, para separar o sujeito do campo do Outro. Na medida em que o desejo do analista é um X, uma incógnita, ele tende a atuar no sentido contrário ao da identificação.

O que o analista pode oferecer ao sujeito que demanda cura é a possibilidade de passar do circuito da relação imaginária da identificação para o circuito que Lacan circunscreveu no grafo do desejo, circuito da dimensão propriamente do discurso.

E para que o desejo apareça nesse Outro, o vazio estrutural desse Outro histórico do paciente, o analista precisa esvaziar o lugar de seu próprio desejo como sujeito do inconsciente. O psicanalista deve oferecer um vazio, deixar aberta, na sua subjetividade, essa hiância do desejo que é um vazio, um entre dois, pois não se trata de que o analista opere como um \mathcal{S} barrado, mas que deixe aberta a hiância do desejo do Outro.

O analista escuta na fala do sujeito o que ele não pede e nem pode pedir, o que ele deseja, o seu gozo, o pulsional que está em jogo e, através dessa escuta, o analista visa deslocar o sujeito da posição na qual tinha certeza sobre o objeto.

Lacan reconhece nisso o encontro, na experiência analítica de cada sujeito, com o objeto; este é, ao mesmo tempo, causa do dizer, causa do desejo e resto, isto é, um impossível de dizer. Encontro, portanto, com um real, encontro revelador de um fato de estrutura.

A partir desse encontro com o real é que surge um significante novo, que marca a introdução do desejo em posição de objeto a , causa de desejo, em que o desejável é ser desejado e, portanto, o desejo não se esgota nas categorias do

ser ou do ter, mas implica uma relação diferente do sujeito com a falta ou com o buraco no Outro, com aquilo que faz do Outro um desejan-te.

Pode-se dizer que o conceito de final de análise está vinculado a uma mudança da maneira pela qual o sujeito respondeu ao impossível de dizer, à não resposta do Outro; ele se reconhecerá, enfim, no efeito de divisão que o significante lhe impôs.

A meta da psicanálise é de que o sujeito obtenha certa margem de liberdade em relação ao lugar que ocupou como objeto do desejo no desejo do Outro. Para isso, o desejo do analista deve estar presente para permitir a separação do sujeito na experiência.

Concluindo, para que ocorra uma psicanálise, o desejo do analista enquanto causa deve estar presente, o desejo enquanto um lugar vazio.

Abstract: The author resumes some important points about the desire to articulate with the desire of the analyst. What Freud apprehended from both, dreams and symptoms, was always a desire. “The V Seminar” by Lacan brings the inscription of desire on the Other. The subject must have access to something of its own desire through the place of the barred Other. That change of places, of the Other as the desiring, will permit the inclusion of the analyst’s desire in the analytical operation.

Keywords: Desire. Demand. Anguish. Other. Object. Desire of analyst.

Referências

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *O Seminário, livro 10: angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

Obras consultadas

LACAN, Jacques. Variantes do tratamento-padrão, In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 325-364.

MILLER, Jacques-Alain. *Perspectiva do Seminário V de Jacques Lacan*. Campo Freudiano no Brasil, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

RABINOVICH, Diana S. *O Desejo do Psicanalista – Liberdade e Determinação em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

Desejo do analista: recurso frente à resistência na transferência

Crasso Campanha Parente¹

Resumo: O artigo abordará o conceito “desejo do analista” como função que faz operar o discurso do analista para fazer frente à resistência que surge após estabelecida a transferência.

Palavras-chave: Desejo do analista. Transferência. Teoria dos discursos.

Como o desejo do analista atua vencendo a resistência ao tratamento psicanalítico na transferência? Para isso é importante entender os dois conceitos: transferência em psicanálise e desejo do analista.

Para falar da transferência em psicanálise, Lacan retorna a Freud e o articula com o texto “O Banquete” de Platão. Ele analisa todos os seus diálogos e destaca o de Alcebiades com Sócrates para falar da transferência: o primeiro fala do amor do analisando e o segundo fala da posição do analista em relação à demanda de amor. A transferência é esse amor do sujeito endereçado ao analista no lugar do Outro (A), do Sujeito suposto Saber (SsS), que supostamente sabe sobre ele e seu sintoma.

1 Médico e Psicanalista.

Para entender o conceito de transferência em Lacan, é necessário entender a concepção lacaniana de inconsciente estruturado como uma linguagem.

O inconsciente lacaniano é o lugar do Outro, lugar onde o analisando põe o analista como SsS. A partir do campo do Outro, duas operações ocorrem: a alienação e a separação. A alienação coincide com a transferência e com o discurso do mestre, e a separação é efeito do discurso do analista. O sujeito aparece entre o S1 e o S2. Se ele se acha identificado ao sentido de S2, ele está alienado; mas se ele se separa dessa identificação ao S2 na operação de separação, ele retorna ao sem sentido do S1, à letra. Essas duas operações inconscientes podem ser manejadas pelo analista em tratamento. A primeira fase é de estabelecer a transferência, a alienação e reproduzir a realidade inconsciente, mas a segunda fase do tratamento é a da separação. O processo de separação faz emergir o sujeito do inconsciente, isso ocorre porque o analista e o analisando reproduzem diferentes discursos.

O inconsciente funciona no discurso do mestre. O sujeito do inconsciente (\mathcal{S}) é evanescente e aparece nos intervalos desse discurso. Nele, o significante unário (S1) sem sentido habita outro significante S2 – *Vorstellungsrepräsentanz* –, deixando sempre um resto que é o objeto *a*. Na transferência, o analisante reproduz esse discurso, ou seja, o S1, endereçado a um significante qualquer (Sq) S2. O sujeito encontra-se afanizado sob a barra do recalque, sustentando o sintoma que produz mal-estar.

Ao entrar em processo de análise, o analisando sofre efeito das mudanças subjetivas produzidas do discurso do analisado. São mudanças que permitem que o analisando se implique com suas questões sintomáticas, retificação subjetiva. Como efeito, há um giro de um quarto de volta no discurso do mestre e ocorre a histericização do seu discurso. No discurso da histérica, o sujeito ($\$$), que antes estava sob a barra do recalque, passa a se posicionar como agente desse discurso. Acima da barra do recalque, no lugar de semblante, o sujeito endereça ao mestre (S1) as suas questões, e o que se produz são significantes S2 sob a barra do recalque. Quando um significante qualquer (S2) é escutado e pontuado pelo analista, ele se torna um significante mestre para aquele sujeito. Ao ouvir esse significante mestre, o analista opera o ato analítico utilizando-se do discurso do analista e promove mais um giro no discurso. Ele se utiliza do equívoco para extrair do significante mestre a sonoridade de *lalangue*, fazendo uma operação lógica que é pura torção de voz. Essa operação desloca o S2 para o lugar da verdade e produz um S1 desarticulado de S2. O que se produz é um efeito de letra no inconsciente, deixando parecer uma inscrição que é marca de gozo na escrita real da estrutura, o Um do real. O que se produz nesse ato é perda de gozo e de sentido, fazendo surgir o recalcado (S1), operação de separação. Em “O Seminário 23: o sinthoma”, Lacan (1975-1976) diz que o analista em seu ato divide o S2 em significante do simbólico e significante do sintoma (S1), que permite extrair o gozo do sentido, fazendo aparecer a verdade do sujeito, o significante recalcado. Essa é

uma operação lógica que aponta para o real da estrutura, mantém o furo do nó borromeano.

O discurso do analista é aquele sustentado na experiência analítica pelo analista. O analista que na transferência é colocado no lugar do A, do SsS, passa a operar como pivô do processo analítico. Mas, se o analista responde desse lugar de A, o efeito será a alienação do sujeito e a resistência ao tratamento, impedindo a associação livre. Por isso, Lacan diz que a resistência é do analista.

Para romper a resistência e para operar o discurso do analista, o analista busca sustentar posição de semblante de objeto *a*, de objeto causa de desejo. Essa era a posição de Sócrates.

Esse objeto paradoxal, único, especificado, que chamamos objeto *a* – retomá-lo seria repisá-lo. Mas eu o presentifico para vocês de modo mais sincopado, sublinhando que o analisando diz em suma a seu parceiro, ao analista – Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais do que tu – o objeto *a* minúsculo, eu te mutilo (LACAN, 1964, p. 254).

Mas, como é possível sustentar a posição de objeto causa de desejo? Lacan responde que o analista opera o tratamento portando o desejo do analista, eixo que permite a torção e sustenta o seu discurso.

É nesse ponto de encontro que o analista é esperado. Enquanto o analista é suposto saber, ele é suposto saber também partir ao encontro do desejo inconsciente [...] o

desejo é o eixo, o pivô, o cabo, o martelo, graças ao qual se aplica o elemento-força, a inércia, que há por trás do que se formula primeiro, no discurso do paciente, como demanda, isto é, a transferência. O eixo, o ponto comum desse duplo machado, é o desejo do analista, que eu designo aqui como uma função essencial. E que não me digam que, esse desejo, eu não o nomeio, pois é precisamente um ponto que só é articulável pela relação do desejo ao desejo (LACAN, 1964, p. 222).

O desejo do sujeito se constitui a partir do desejo do Outro. O desejo está ligado às fantasias inconscientes, que são reproduzidas na cena analítica na transferência. Devemos lembrar que Lacan produziu um matema para a fantasia ($\mathcal{S} < > a$), que opera a relação do sujeito com o objeto. O fantasma do analisando é construído em análise. É no trajeto da pulsão em torno do objeto a que o desejo do analista permite operar nessa construção fantasmática. O desejo do analista não é um desejo qualquer, é um desejo que se depura no trajeto de uma análise.

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver (LACAN, 1964, p. 260).

Na posição de escuta, o analista faz borda, contornando o objeto voz e sustentando o desejo do desejo do Outro que aparece na associação livre, produzindo um despertar do desejo. Esse desejo do analista não está condicionado ao desejo do Outro, ele surge quando esse Outro perdeu a sua

consistência, e o sujeito é liberado da condenação à identificação, sendo possível suportar a posição de semblante de objeto. Para Lacan, o que dá ao analista o balizamento necessário ao manejo da transferência na clínica é o desejo do analista, conceito que tem uma função eminentemente clínica. É sustentando desejo do analista que o analista rompe suas resistências e permite que o sujeito em transferência continue seu processo de análise com perda de gozo.

É na medida em que o desejo do analista, que resta um x , tende para um sentido exatamente contrário à identificação, que a travessia do plano da identificação é possível, pelo intermédio da separação do sujeito na experiência. A experiência do sujeito é assim reconduzida ao plano onde se pode presentificar, da realidade do inconsciente, a pulsão (LACAN, 1964, p. 259).

É contornando o objeto a que o sujeito se articula com o Outro, enquanto estrangeiro. É como se esse “objeto a ” indicasse o furo no campo da linguagem, uma impossibilidade que revela que esse campo do Outro não é todo significável. Ele denuncia a falta de um significante no Outro (SA).

É para além da função do a que a curva se fecha, lá onde ela jamais é dita, concernente à saída da análise. A saber, depois da distinção do sujeito em relação ao a , a experiência da fantasia fundamental se torna a pulsão. O que se torna então aquele que passou pela experiência dessa relação opaca na origem, à pulsão? Como, um sineiro que atravessou a fantasia radical, pode viver a pulsão? Isto é mais além da análise, e jamais foi abordado. Isto só é, até o presente, abordável, no nível do analista, na me-

didada em que seria exigido dele ter precisamente atravessado em sua totalidade o ciclo da experiência analítica (LACAN, 1964, p. 258).

A experiência analítica é sustentada no discurso do analista, que tem como produto o S1, rastro, marcas de gozo onde precipita *lalangue*, o Um do real. O analista na posição de semblante de objeto *a* se endereça ao sujeito do inconsciente (\mathcal{S}), trazendo para sobre a barra do recalque o fantasma de forma invertida ($a \rightarrow \mathcal{S}$), que aponta para o sujeito, permitindo que o saber inconsciente (S2) ocupe o lugar da verdade. Tendo como produto o significante primordial S1, que é desarticulado do sentido, que é do campo do real. Essa é a escrita binária do inconsciente real, objeto *a*, e o significante Um (0 e 1), que se articula pelo equívoco. Por isso, Lacan (1974) diz em “A Terceira” que o objeto *a* é homólogo de S1. Em “Angústia e o desejo do Outro”, Rabinovich (2005) diz que tanto o objeto *a* quanto o S1 (o número 1) estão no campo do real, mas com uma diferença, o objeto *a* é real que está para sempre perdido, mas o Um é o que ordena a cadeia do simbólico. “O significante primordial que é puro não senso, ele se torna portador da infinitização do valor do sujeito, de modo algum aberto a todos os sentidos, mas abolindo todos” (LACAN, 1964, p. 238).

Ao extrair esse significante primordial que diz da verdade do sintoma desse sujeito, pelas intervenções do analista, o sujeito é libertado do assujeitamento a esse significante.

A interpretação não é aberta a todos os sentidos [...] É uma interpretação significativa, e que não deve faltar. Isto não impede que não seja essa significação que é para o advento do sujeito essencial. O que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante – não senso, irreduzível, traumático – ele está, como sujeito assujeitado (LACAN, 1964, p. 237).

Alcançando a materialidade sonora desse significante primordial, o analisando está liberado para fazer algo diferente com o seu sintoma, ou seja, o Sinthoma, o que há de mais singular nesse sujeito.

Resumen: El artículo tratará el concepto “deseo del analista” como la función que opera el discurso del analista para enfrentar la resistencia que se presenta después de establecida la transferencia.

Palabras-llave: Deseo del analista. Transferencia. Teoría del discurso.

Referências

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. A Terceira (1974). *Opção Lacaniana* – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise.

Escola Brasileira de Psicanálise, São Paulo, n. 62, p. 11-36, dez. 2011.

RABINOVICH, Diana S. *Angústia e o desejo do Outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

Obras consultadas

ANOTAÇÕES do *Seminário abordagem topológica da presença do analista*, coordenado por Arlete Campolina, na Aleph – Escola de Psicanálise, Belo Horizonte, 2016.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 8: a transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.





Outra dimensão do saber

O sentido do sintoma

Marília Pires Botelho¹

Resumo: A autora recorre aos textos de Freud e Lacan para abordar a questão levantada em cartel: O analista visa o sentido do sintoma?

Palavras-chave: Inconsciente. Sintoma. Sentido. Falasser. Corpo. Gozo.

Na “Conferência XVII: o sentido dos sintomas”, Freud (1916-1917) faz referência à psiquiatria clínica que atenta pouco para a forma externa do conteúdo dos sintomas individualmente considerados, afirmando que a psicanálise, entretanto, estabelece, em primeiro lugar, que os sintomas têm um sentido e se relacionam com as experiências do paciente.

Nessa conferência, Freud relata os atos obsessivos de duas mulheres. Afirma ter se deparado com a repetição, a continuação e a tentativa de correção de uma cena vivida anteriormente. O ato obsessivo, em ambos os casos, o conduziu à intimidade da vida sexual de suas pacientes e o levou a constatar que o sentido de um sintoma possui determinada conexão com a experiência do paciente. Ele nos alerta ainda que, quanto mais individual for a forma dos sintomas,

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

tanto mais motivos teremos para esperar que seremos capazes de estabelecer esta conexão.

Freud vai do sentido do sintoma ao gozo nele contido ao observar

[...] uma satisfação experimentada como sofrimento, uma satisfação que não se confunde com o prazer, posto que desviada. O que era para dar prazer transforma-se em queixa e nesse sentido temos dificuldade em reconhecer num sintoma a satisfação libidinal (FAVATO, 2010, p. 2).

Num dos casos apresentados, sempre que Freud perguntava à paciente: “*Porque faz isso? Qual o sentido disto?*”. Ela respondia: “*Não sei*” (FREUD, 1916-1917, p. 310).

“... eu não quero saber nada disso...” (LACAN, 1972-1973, p.11). Com essa frase, Lacan introduz o “Seminário Encore” para dizer do inconsciente e da divisão do sujeito frente ao saber e ao gozo. Ele afirma que o exercício do saber representa um gozo, e este é o eixo central desse seminário.

De que maneira podemos entender essa articulação de Lacan? Na última lição desse mesmo seminário, ele parte da tese de que geralmente é enunciado que a linguagem serve para a comunicação. Mas, na verdade, a linguagem é o esforço feito para dar conta de algo que não tem nada a ver com a comunicação e que Lacan chama de *lalangue*², ter-

2 O termo *lalangue*, neologismo criado por Lacan, foi traduzido para o português como alíngua, ou lalíngua. Um grande número de seus comentadores opta por manter a palavra *lalangue*, tal como Lacan a forjou, por considerar esse neologismo intraduzível.

mo que ele escreve numa só palavra para designar a língua dita materna.

Trabalha ainda a questão do saber tal como é tomado pela ciência, interrogando, inclusive, onde esse saber se encontra. Afirma que ele está no inconsciente, e é um saber impregnado pelos efeitos de *lalangue*, que são os afetos.

O inconsciente é um saber, um saber-fazer com *lalangue*. Ele é feito de *lalangue*, e o sujeito é por ela afetado. A experiência do inconsciente nos mostrou que *lalangue* serve para outras coisas, que não a comunicação.

A linguagem é o que se tenta saber com relação à *lalangue*. De início, ela – a linguagem – não existe.

O que há são restos de palavras ouvidas, conotadas pelo gozo da língua materna. É o material de “alíngua”, o significante gozoso que não comunica nada. Um enxame zumbindo que se satisfaz em si mesmo (VIDAL, 2011, p. 476).

Lacan já havia nos proposto a tese de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Tese necessária para que ele formule outra maneira de dizer do inconsciente afetado por *lalangue*.

O homem tem um corpo, isto é, ele fala com seu corpo e somente ele – o homem – goza a partir de suas necessidades mais fundamentais. O ser falando, goza. Ele é falasser por natureza. Daí a expressão de Lacan – falasser – *parlêtre* – que, segundo ele, virá substituir o ICS de Freud.

Da formulação de um sujeito suposto ao inconsciente, Lacan extrai o ser falante, o *parlêtre*, feito de um saber que goza absolutamente só. Um saber que não quer saber nada do que goza para, assim, continuar... gozando... Nesse ponto preciso, Lacan pode dizer que não há o mais mínimo rastro de um desejo de saber (VIDAL, 2011, p. 476).

Não há gozo sem corpo. Em suma, pode-se dizer que só há gozo do corpo e que o corpo é feito para gozar, mesmo que o sujeito não queira saber nada disso. Mas, se o gozo é sempre sentido pelo corpo e permanece indizível, só podendo ser dito nas entrelinhas, é pela fala e pelo discurso que ele será delineado. O significante detém o gozo.

É na leitura do texto de James Joyce que Lacan irá encontrar elementos para compreender o inconsciente como falasser e atestar o gozo próprio do sintoma, que é um gozo opaco, por abolir o sujeito, por excluir o sentido. Lacan afirma que “o sentido do sintoma não é aquele que é alimentado para sua proliferação ou extinção, o sentido do sintoma é o real” (LACAN, 1974, p. 186).

O inconsciente é estruturado como uma linguagem, portanto tem furos que aparecem como formações do inconsciente. Para não se deparar com esses furos, com o real, o sujeito goza. Mas é justamente a partir desses pontos de furo que o analista opera: com o fantasma, com os restos, com os traços, com os equívocos que aparecem na superfície, na linguagem, em *lalangue*. O analista tem que se servir da estrutura. Servir-se da estrutura é lidar com esse real. Não é com a interpretação de sentido que o analista

deve operar, mas é com o equívoco, com *lalangue*. Ao jogar com o equívoco da palavra “sentido”, podemos concluir que o sintoma dá a “direção, a orientação” do real para o analista. Daí Lacan afirmar que o sentido do sintoma é o real.

O sentido do sintoma, ele diz, depende do futuro do real, ou seja, de como a psicanálise irá lidar com o real. Pois, o que é pedido ao analista é que ele livre o sujeito do real e do sintoma. O tratamento do real visa o gozo que o sintoma comporta.

Em “Joyce, o sintoma”, Lacan (1976) pontua que a análise que recorre ao sentido para resolvê-lo, deixando de lado o gozo do sintoma, não tem outra chance, senão se fazendo tapear, pois só há despertar do sujeito por meio desse gozo.

Ao se questionar se a psicanálise seria um sintoma, Lacan diz que chama de sintoma aquilo que vem do real. Em suas palavras: “... isso se apresenta como um peixinho cuja boca voraz só se fecha depois de morder o sentido” (LACAN, 1974, p. 185-186).

Résumé: L’auteur a recours aux textes de Freud et de Lacan afin d’aborder la question soulevée dans un cartel: L’analyste cherche le sens du symptôme?

Mots-clés: Inconscient. Symptôme. Sens. Parlê-tre. Corps. Jouissance.

Referências

FAVATO, Ana Maria Fabrino. *Crença, sentido e referência no sintoma*. Belo Horizonte, 2010. Inédito.

FREUD, Sigmund. Conferência XVII: o sentido dos sintomas (1916-1917). In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 305-322. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

LACAN, Jacques. *Encore* (1972-1973). Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010. p. 265-277. Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola.

LACAN, Jacques. Joyce, o sintoma (1976). In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 560-569.

LACAN, Jacques. A Terceira (1974). *Revista da Escola Letra Freudiana. Documentos para uma Escola VI – A Terceira: uma escola para a psicanálise*, Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, Ano XXXV, n. 0'''''' (2016), p. 179-205, 2016.

VIDAL, Eduardo. O inconsciente, encore. *Revista da Escola Letra Freudiana. Experiência de saber*, Rio de Janeiro: 7 Letras, Ano XXX, n. 43, p. 475-478, 2011.

Desejo do analista e função paterna

Marisa G. Cunha Martins¹

Resumo: Este trabalho se desenvolve a partir da questão colocada por Lacan em “O Seminário 10: a angústia”, o que é um pai e o que é um analista. Segue-se uma investigação na perspectiva de se entender se o pai e o analista se encontram no mesmo lugar, tendo em vista que, para Lacan o desejo do pai e o desejo do analista se encontram no *a* irreduzível, lugar definido por ele como lugar do feminino, do vazio, do não-todo. Orientando-se, em algumas definições postuladas por Lacan sobre o pai e o analista, ao longo de seus estudos, encontrou-se no final de seu ensino, em “O Seminário 23: o sinthoma”, o enunciado em que ele atribui ao pai e ao analista o lugar de sinthoma. Ao final dessa investigação, deduziu-se, que, tanto o pai, quanto o analista se encontram nesse *a* irreduzível, lugar não-todo, que se estende além da fantasia.

Palavras-chave: Nomes-do-pai. Desejo do analista. Desejo do pai. Lugar não-todo. Sinthoma.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

Em “O Seminário 10: a angústia”, Lacan pergunta o que é um pai e o que é um analista. Essa questão se faz causa e gera trabalho.

No mesmo seminário, ele já enuncia que o tema de seu estudo para o próximo ano não será mais em torno do Nome-do-Pai, mas dos Nomes-do-Pai. Lacan se refere ao mito freudiano Totem e Tabu, dizendo que aí o pai intervém de maneira mítica, como um pai que impõe seu desejo a todos os outros, invadindo-os. Ele questiona se não haverá aí uma contradição, pois é por intermédio desse pai que se instaura o desejo mediado pela Lei. E ele acrescenta: “... na manifestação de seu desejo, o pai sabe a que *a* esse desejo se refere?” (LACAN, 2005, p. 365). Pois, contrariamente ao que diz o mito

[...] o pai não é *causa sui*, mas é o sujeito que foi longe o bastante na realização de seu desejo para reintegrá-lo em sua causa, seja ela qual for, para reintegrá-lo no que há de irreduzível na função do *a* (LACAN, 2005, p. 365).

Lacan trabalha o desejo articulado ao objeto *a* e fala da superação da angústia através do amor. Aí, ele define o analista como aquele que

[...] minimamente não importa por qual vertente, por qual borda, tenha feito seu desejo entrar suficientemente nesse *a* irreduzível para oferecer à questão do conceito da angústia uma garantia real (LACAN, 2005, p. 366).

Essas questões colocadas culminam numa pergunta: se o desejo do analista e o desejo do pai encontram-se nesse *a* irreduzível, os dois se encontram no mesmo lugar, ou seja, lugar do feminino, do vazio, do não-todo?

Sendo o pai aquele que tem uma relação estreita com seu desejo, aquele que foi longe na realização de seu desejo, ele não deixou, de um lado, o desejo; e do outro, o *a*, esse desejo não está sustentado no ideal, não está sustentado apenas no fantasma. O pai tem seu desejo sustentado além do fantasma, seu desejo está sustentado no objeto *a* como causa. No fantasma, o *a* está situado como objeto. Para o *a* operar como causa, isso implica um atravessamento, uma passagem ao outro lado.

Ainda em “O Seminário 10: a angústia”, Lacan propõe um mais além do rochedo da castração apresentado por Freud e indaga o que deveria ser o desejo do analista para franquear a angústia de castração. Sabe-se com Lacan, que, para uma análise ir além da angústia de castração, faz-se necessário que o analista tenha feito uma travessia, ou seja, tenha ido mais além da fantasia e alcançado o objeto *a* como causa.

A partir de “O Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante”, Lacan tenta dar conta da diferença entre os sexos através da lógica e, em “O Seminário 20: mais, ainda”, formaliza a Tábua da sexuação. Do lado esquerdo dessa Tábua, Lacan trabalha a função da exceção paterna encontrada no mito freudiano Totem e Tabu. O pai como exceção não está castrado, ele goza de todas as mulheres, não está limitado em seu gozo. Assim, os filhos que estão impedidos de ter acesso às mulheres da horda se revoltam e matam o pai. Mas, a partir daí, mediante a culpa, se instala a proibição do incesto. O lugar do pai fica vazio, nesse lugar se instala uma instância simbólica, lugar de um sig-

nificante excepcional, o S1, Nome-do-Pai, significante que legitima, que garante a ordem significante. Portanto, a função do pai é a que permite uma relativa relação com o vazio originário que produz o desamparo da existência humana, tornando possível para o vivente suportá-lo.

Da lógica, do estudo através das fórmulas da sexuação, Lacan passa à topologia dos nós. Em “O Seminário 22: RSI”, ele trabalha o Complexo de Édipo estruturante da neurose e se dedica novamente ao problema do pai em Freud. Em seu texto, “Mal-Estar na Civilização”, Freud fala desse vazio, desse desarranjo estrutural no homem, um desarranjo fundamental. Os registros real, simbólico e imaginário não se enlaçam harmoniosamente; a estrutura do ser falante é falha, sempre haverá algum erro. Por isso, “a relação sexual não existe” segundo a proposição lacaniana. Não existe uma relação direta do sujeito com o objeto. Nesse seminário, através dos nós, Lacan tenta dar conta da estrutura do ser falante pela amarração dos três registros. Ele interroga se esses três registros não poderiam enlaçar-se por si mesmos, sem a presença do quarto termo que é o Nome-do-Pai. Pois, para ele, esse quarto termo se constitui do Nome-do-Pai, da Realidade psíquica e do Complexo de Édipo e é imprescindível à estruturação do sujeito.

Ao trabalhar o pai por meio da exceção mostrada na Tábua da sexuação, Lacan diz:

Um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o-dito amor, o-dito respeito, estiver père-vertidamente orientado, isto é, feito de uma mulher, objeto pequeno *a* que causa seu desejo (LACAN, 1974-1975, p. 23).

Mas isso não acontece à mulher, porque quem causa seu desejo são os filhos, “são outros objetos pequeno *a* que são as crianças” (LACAN, 1974-1975, p. 23) e não o homem. Quando a mãe se encontra numa posição fálica, isso não acontece. O filho poderá encarnar o falo para essa mãe, diferentemente do que se passa quando essa mãe está situada numa posição feminina – o filho pode causar o desejo dessa mãe. Vê-se, aqui também, a não equivalência entre os sexos – não há reciprocidade –, a mulher é causa de desejo para um homem, mas um homem não é causa de desejo para uma mulher.

Em “O Seminário 22: RSI”, na aula de 11 de março de 1975, Lacan formaliza os Nomes-do-Pai como sendo o simbólico, o imaginário e o real. Em seguida, ele nomeia cada registro: nomeação imaginária, nomeação simbólica e nomeação real. Essas nomeações têm função de enodamento, fazem laço. E, na última aula, faz uso dos três termos freudianos – inibição, sintoma e angústia – para mostrar como se enlaçam os três registros entre si. Lacan situa a nomeação do imaginário como inibição, a nomeação do simbólico como sintoma e a nomeação do real como angústia. Ele pergunta: “Será o pai aquele que deu o nome às coisas? Ou deve esse pai ser interrogado enquanto pai, no nível do real?” (LACAN, 1974-1975, p. 70).

Lacan faz uma articulação das nomeações às três identificações freudianas mais importantes. No início desse seminário, ele faz referência ao Mito freudiano, em que se opera a identificação primária, a identificação com o pai Real. Um

pai que ex-siste a todos os homens da horda e se encontra numa posição de exceção. De acordo com Lacan, essa identificação primária, na qual o pai é incorporado, se trata de uma identificação pelo amor ao pai, pois “na medida em que são privados de mulher, os filhos amam o pai” (LACAN, 2007, p. 147). Essa é a pai-versão, a perversão do pai, a função do pai que é garantida na orientação do seu desejo. Como diz Lacan, é simplesmente a lei do amor. Nesse momento de seu ensino, o que importa é o desejo do pai que é causado por uma mulher. Dessa forma, o filho pode amá-lo e incorporá-lo, se instalando assim a identificação primária.

De acordo com Lacan:

A perversão não é definida porque o simbólico, o imaginário e o real estão rompidos, mas, sim, porque eles já são distintos, de modo que é preciso supor um quarto, que é o *sinthoma* (LACAN, 2007, p. 21).

Ele ainda enuncia “que é preciso supor tetrádico o que faz o laço borromeano – perversão quer dizer apenas versão em direção ao pai –, em suma, o pai é um *sinthoma*” (LACAN, 2007, p. 21). Nesse mesmo “O Seminário 23: o *sinthoma*”, ele novamente diz: “O pai, como nome e como aquele que nomeia, não é o mesmo. O pai é esse quarto elemento, que é conveniente chamar de o *sinthoma*” (LACAN, 2007, p. 163). Quanto a isso, Rodrigues (2007) faz uma observação dizendo que Lacan, a partir de 1974, dá um novo sentido aos nomes-do-pai. Agora trata-se de um pai nomeante, de um Pai-do-Nome, não mais somente de um nome que nomeia o pai na ordem simbólica, e sim:

Um pai que tem uma função muito específica: fazer entrar no Real algo que nele nunca havia entrado e que implica não mais descobrir e experimentar, mas fazer a escritura da hiância deixada pelo declínio dos nomes-do-pai (RODRIGUES, 2007, p. 115).

E quanto ao analista, o que mais diz Lacan referente a esse lugar não-todo? Em “Outros Escritos”, em seu texto “Televisão”, Lacan (2003) para apresentar ao público uma noção da figura do analista, ele toma a santidade, o ser santo, em vez de aproximá-lo ao Deus que se encontra no real. O Deus de que falou Lacan (2005) em “Nomes-do-Pai”, ou seja, o Deus da religião, o Deus de Moisés. Diz que um santo não faz caridade, ele faz descaridade. Ele banca o dejetivo, o objeto *a* encarnado. Isso, para permitir ao sujeito do inconsciente tomá-lo como causa de desejo. Nesse mesmo livro, em “Nota italiana”, Lacan afirma: “[...] é do não-todo que depende o analista. Não-todo ser falante pode autorizar-se a produzir um analista” (LACAN, 1973, p. 312). Não é qualquer um que pode autorizar-se, somente o analista.

Em “O Seminário 23: o *sinthoma*”, no capítulo 9, Lacan, ao trabalhar a energética e o real, lê as perguntas feitas a ele. Dentre essas, ele destaca uma: *se a psicanálise é um sinthoma*. E responde ao que lhe foi colocado como questão: “Penso que não se pode conceber o psicanalista de outra forma senão como um *sinthoma*. Não é a psicanálise que é um *sinthoma*, mas o psicanalista” (LACAN, 2007, p. 131).

Diante do exposto, pode-se deduzir que, se o desejo do pai e o desejo do psicanalista dependem de uma mulher, ou seja, desse lugar não-todo, lugar do feminino, lugar do vazio e se o pai e o analista têm seu desejo sustentado no objeto *a* como causa, os dois se encontram no mesmo lugar. Pois, é o próprio Lacan que diz, se o psicanalista se coloca nesse lugar de “fazer semblante do objeto pequeno *a*”, lugar do lixo que o homem é. “É preciso passar por esse lixo decidido para, talvez, reencontrar alguma coisa que seja da ordem do real” (LACAN, 2007, p. 120). Talvez, reencontrar o pai *sinthoma*, o S1, o que lhe há de mais singular para fazer uma nova inscrição, fazer algo novo com o seu *sinthoma*.

Résumé: Le présent travail se développe à partir de la question soulevée par Lacan dans son “Séminaire 10: L’angoisse”, qu’est-ce qu’un père et qu’est-ce qu’un analyste. Il n’en suit une enquête dans le but de comprendre si le père et l’analyste se trouvent à la même place, tout en considérant que pour Lacan, le désir du père et le désir de l’analyste se retrouvent dans le *a* irréductible, qui est défini par lui comme le lieu du féminin, du vide, du pas-tout. En se basant sur quelques définitions postulées par Lacan sur le père et l’analyste au cours de ses études, plus précisément à la fin du “Séminaire 23: Le *symthôme*”, se trouve l’*énoncé* dans lequel il attribue au père et à l’analyste la

place de symthôme. Au bout de cette enquête, il apparaît que le père, ainsi que l'analyste, se retrouvent dans ce *a* irréductible, lieu du pas-tout, qui s'étend au-delà du fantasme.

Mots-clés: Nom du père. Désir de l'analyste. Désir du père. Lieu pas - tout. Symthôme.

Referências

FREUD, Sigmund. Mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 81-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia (1962-1963)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante (1971)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 22: RSI (1974-1975)*. Inédito

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

LACAN, Jacques. Televisão. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 508-543.

LACAN, Jacques. Nota Italiana. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 311-315.

RODRIGUES, Gilda Vaz. *Percursos na transmissão da psicanálise*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2007.

Obra consultada

DAFUNCHIO, Nieves S. Inibição, Sintoma e Angústia: uma clínica nodal das neuroses. In: IPB SEMINÁRIOS, 2010, Recife. *Anais...* Recife, 2010. p. 141-292.



Pai como função real

Ana Maria Fabrino Favato¹

Resumo: A problemática do Nome-do-Pai surge como ponto crucial no ensino de Lacan, que faz uma recapitulação necessária em Freud. Sua importância inclusive se dá na trama das questões em torno do ternário simbólico, real e imaginário. Lacan percebe que a prática analítica permanecia na dependência de certo “desejo original”, ambíguo na transmissão da psicanálise e relacionado ao “desejo do Pai”. Mas a que esse desejo se refere? Qual a estrutura desse desejo e qual sua relação com o desejo do analista? Na sua construção, adverte à possibilidade de a função paterna funcionar na sua abrangência para além do simbólico e apontar para o Real. O pai deve ser, portanto, interrogado no nível do Real, sendo o operador da castração e o quarto elemento do nó borromeano.

Palavras-chave: Desejo. Pai real. Objeto *a*. Nó borromeano.

Base fundamental da clínica psicanalítica, a demarcação da função simbólica do pai vai provocar a existência de

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

outro pai, um pai contingente e incerto, ou seja, o pai real. É nessa dialética que a problemática do Nome-do-Pai surge como ponto crucial no ensino de Lacan, que faz uma recapitulação necessária em Freud para que seja possível chegar aos Nomes-do-Pai e ao pai como *sinthoma*. Sua importância inclusive se dá na trama das questões em torno do ternário simbólico, real e imaginário.

No começo de seu ensino, Lacan tinha necessidade de falar de certos conceitos para falar do Nome-do-Pai. Mas é impressionante constatar que, a partir de 1960, constrói a teoria do objeto *a* e da castração sem recorrer ao pai. Ambos são efeitos da linguagem, que, ao incidir no corpo do falante, limita o gozo, sendo a castração, e não simplesmente a ameaça, o que faz a disjunção entre desejo e gozo. O interdito do pai ou ameaça de castração é um engodo; o Édipo não serve para nada na análise, é secundário. “Logo a castração não é um mito e sim um osso, ou melhor, um real que nada deve ao pai bicho-papão” (SOLER, 2012, p.163). O pai entra no final de “O Seminário 10: a angústia” na sua relação com o desejo e a Lei. Em 1963, o tema do pai é interrompido, mas não sem antes Lacan levantar uma importante indagação.

Ao indicar o equilíbrio da Lei e do desejo, que se alcança com o mito do pai morto e que traz a marca da formação do desejo da criança, Lacan se pergunta por que isso provoca neurose. Constata com Freud um paradoxo que se obtém da função paterna como reguladora da pulsão: ela gera mal-estar na cultura. Com o assassinato do pai da horda prime-

va e a instauração do pai simbólico, a pacificação esperada e a entrada do sujeito no discurso não supõem felicidade. O real do pai pertencente ao pai gozador da horda, um pai antes da linguagem, um pai em silêncio, não desaparece na neurose, ou melhor, fica presente na pulsão e é aquilo que faz o sujeito padecer.

Lacan então fala da relação do sujeito com o desejo do Outro e diz: “A neurose é inseparável, aos nossos olhos, de uma fuga diante do desejo do pai, o qual o sujeito substitui por sua demanda” (LACAN, 1963, p. 76). Da neurose ao misticismo, um leque de fenômenos se abre quando o “desejo do pai” não entra na economia do sujeito.

A reserva que se observa sobre os Nomes-do-Pai é, portanto, em parte, constitutiva do próprio discurso analítico, já que esse discurso indica a posição do analista e de seu desejo. Dizer aos analistas sobre os Nomes-do-Pai poderia servir a muitos, diz Lacan, inclusive poderia tocar alguns em sua intimidade, especialmente os de tradição religiosa, para não dizer os envolvidos por questões ligadas ao Nome-do-Pai.

O ponto da tradição religiosa é assunto do qual o desejo do próprio Freud encontrou resistências. Para Lacan, Freud fez o que pôde para evitar sua própria história e, ao abordar aquele cujo nome é impronunciável na tradição judaica, recorreu aos mitos, deixando tudo muito limpo, muito asséptico. Lacan, não falando do Nome-do-Pai, pôde então falar de outra coisa que Freud avistou:

O que eu tinha a dizer sobre os Nomes-do-pai não visava outra coisa, com efeito, senão pôr em questão a origem, isto é, por qual privilégio o desejo de Freud tinha podido encontrar, no campo da experiência que ele designa com o inconsciente, a porta aberta (LACAN, 1964, p. 19).

De que origem se trata? Que porta franquearia a experiência do inconsciente?

Voltado para o campo freudiano, Lacan percebe que a prática analítica permanecia na dependência de certo “desejo original” que tem sempre papel ambíguo, mas prevaLENcente, na transmissão da psicanálise. Podemos pensar que esse desejo original, ambíguo, a porta aberta na transmissão da psicanálise, é o “desejo do Pai” ou aquilo a que esse desejo se refere? Qual a estrutura desse desejo e qual a sua relação com o desejo do analista?

Pai como função real

A partir do mito freudiano de Toten e Tabu, o pai intervém como aquele cujo desejo invade, esmaga e se impõe a todos os outros. Mas aí aparece a contradição, pois é por intermédio dele que a normatização do desejo nos caminhos da lei se efetua. Mas será que é só isso? Antes havia um desejo do pai sem lei, depois esse desejo passa a ser delimitado. Podemos avaliar que há algo no desejo que nos chama a atenção, a porta que Freud entrou no que eram as relações do desejo com a linguagem e que indica um componente primordial: a perda do objeto e um gozo perdido jamais recuperado. Pela perda do objeto se enodam angústia, dor e luto; se enlaçam inibição, sintoma e angústia, gozo fálico, gozo do Outro, sentido e, ainda, real, simbólico e imaginário.

A queda do objeto é primitiva e as várias formas que assume (seio, fezes, pênis, olhar e voz) se relacionam com o modo sob o qual o desejo do Outro é apreendido pelo sujeito. Das cinco vestimentas do objeto, Lacan destaca a última, a voz, como a porta para o desejo do Outro sob a forma do *a*. A voz como *a* do Outro é, em suma, a única testemunha de que o lugar do Outro não é apenas o lugar da imagem, da miragem, por isso a voz deve ser considerada um objeto essencial. A voz indica o significante, mas indica também aquilo que o significante não recobre. Indica o furo que o simbólico faz no real.

É assim que depois do pai primordial, surge o pai da voz, cuja função é a do nome próprio. Mas, para além do nome e da voz, o mito freudiano nos dá as balizas para pensar o gozo, o desejo e o objeto. O nome é uma marca já aberta à leitura. Na manifestação de seu desejo, o pai não sabe a que *a* esse desejo se refere, pois está sempre referido ao desejo do Outro. É o desconhecimento do *a* que deixa a porta aberta. Aí está a possibilidade de a função paterna funcionar na sua abrangência para além do simbólico e apontar para o Real.

Ao contrário do que enuncia o mito religioso, o pai não é causa *sui*, mas é o sujeito que foi longe o bastante na realização de seu desejo para reintegrá-lo em sua causa, seja ela qual for, para reintegrá-lo no que há de irreduzível na função do *a* (LACAN, 1962-1963, p. 366).

Lacan se pergunta se o Pai do Simbólico, o que dá nome às coisas, basta para o sujeito. Parece que não. O pai morto,

pai simbólico, não constitui para Lacan o modelo bom da função. O pai morto não diz nada e se torna impotente. Em contrapartida, temos o pai terrível, gozador de Schreber que diz tudo. O pai deve ser, portanto, interrogado no nível do Real. O pai real não é uma função vazia, mas o operador da castração. Lacan propõe pensar o pai real enquanto pai desejante, não terrível, nem morto, mas real. Portanto, para além do mito do Édipo, o pai Real entra como um operador estrutural. Sendo agente da castração, introduz a perda do objeto e lança o desejo. O pai como função está no nível do desejo, no nível do objeto como causa. Um pai só tem direito ao amor se tiver feito de uma mulher, objeto pequeno a , a causa de seu desejo. A única garantia de sua função é a função de sintoma, por isso a função de exceção, exceção sintomática. Serve-se do pai nessa condição. Ele é modelo na função e pouco importa que sintomas ele tenha, o importante é que conserve o objeto a como causa de seu desejo e que nunca capture o sujeito em seu sintoma, não podendo se ver, de imediato, do que se trata naquilo que ele não diz (LACAN, 1974-1975, p. 23).

O pai indicado por Lacan como o que tem a função de nomear, mas também de ser o suporte do amor na identificação primária, é a base do nó borromeano. Ele está no coração do nó, no centro do nó, está no Real, dentro do nó, onde se situa também o desejo.

Em “O Seminário 22: RSI”, ao incluir o real, Lacan convoca mais que o desejo do pai, ele convoca, portanto, seu sintoma. A função sintoma enoda as três dimensões e passa pelo

dizer de nomeação. A nomeação é função de dizer, e dizer é “acontecimento”, implica a contingência do que “cessa de não se dizer” e pode ser escrito.

Segundo Lacan (1974-1975), a partir do quarto elemento do nó é possível a escritura do nó borromeano, é possível a disjunção do simbólico, do imaginário e do real. Para fazer nó é preciso essa consistência que está referida à função do pai, uma “ação suplementar” de um toro a mais, que basta que seja figurado para que aí faça quatro.

Convém aqui perguntar sobre o desejo do analista a fim de que ele possa levar o trabalho da análise além do limite da angústia com essa “ação suplementar”. Certamente o analista entra suficientemente nesse a irreduzível para oferecer à questão da angústia uma garantia Real. O que há de ser do desejo do analista para que ele opere de maneira correta?

No centro do desejo do analista, está o “luto do analista”, pois afirma Lacan que: “no nível do pequeno a , a questão é inteiramente diferente daquela do acesso a algum ideal” (LACAN, 1960-1961, p. 381). Portanto, a função do analista comporta certo luto. Nisto, o analista é levado a duvidar sobre o valor de qualquer objeto que entra no campo do desejo. Ou seja, não há objeto que tenha um preço maior que outro. Ao analista cabe também nunca poder capturar o sujeito em análise, em seu sintoma.

Résumé: La problématique du Nom-du-Père surgit comme un point crucial dans l'enseignement de Lacan, qui fait une récapitulation nécessaire de l'œuvre de Freud. Son importance inclusive se vérifie dans la trame des questions autour de la triade : symbolique, réel et imaginaire. Lacan s'aperçoit que la pratique analytique restait sous la dépendance d'un certain «désir originel» ambigu dans la transmission de la psychanalyse et lié au «désir du Père». Mais à quoi se rapporte-t-il, ce désir ? Quelle est la structure de ce désir et quel est son rapport au désir de l'analyste ? Dans sa construction Lacan envisage la possibilité que la fonction paternelle s'exerce amplement au-delà du symbolique et qu'elle pointe vers le Réel. Par conséquent, il faut interroger le père au niveau du Réel, en tant qu'opérateur de la castration et quatrième élément du nœud borroméen.

Mots-clés : Désir. Père réel. Objet *a*. Nœud borroméen.

Referências

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. *O Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *Nomes-do-pai* (1963). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, livro 22: RSI* (1974-1975). Inédito.

_____. *O Seminário, livro 23: o sintoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012.

Obras consultadas

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. *O Seminário, livro 19: ... ou pior* (1971-1972). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PICIANA, Hugo D. *El nombre del padre, una marca*. Buenos Aires: Grama, 2011.

PORGE, Erik. *Os nomes do pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

RABINOVICH, Diana S. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.

O gozo e a função do analista

Rosana Scarponi Pinto¹

Resumo: O texto trata do conceito *lalangue* como um traço primário do outro no corpo, perda de um gozo total, para um gozo parcial, mediado pela simbolização. Faz elaborações sobre o percurso de análise como um processo de depuração do gozo fálico e a função do analista de extrair *lalangue* da fala do analisante, estabelecendo o real como o sentido do sintoma.

Palavras-chave: *Lalangue*. Real. Gozo. Função do analista.

Muitas questões surgiram em torno da articulação topologia e do desejo do analista, mas algumas persistiram como causa de elaboração.

Em “O Seminário 20: mais, ainda”, Lacan (1985) dá muita ênfase ao corpo e diz que um corpo é o que se goza. É preciso supor a entidade do corpo para que o gozo tenha um suporte. A princípio tudo é gozo e é *lalangue*, corpo do simbólico, que vai inaugurar o corpo como erógeno.

Então, se não existe sujeito sem gozo, como pensar o analista na sua função? Até que ponto pode-se ir além do gozo

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

fálico? O que o semblante tem a ver com a posição do analista?

Para efeito de argumentação desses questionamentos, retomamos a constituição do sujeito.

A incidência desejante do outro sobre o sujeito produz marcas, gozo, fazendo com que o corpo saia do natural e abra possibilidades. Nessas marcas e nos orifícios, a pulsão retorna e estabelece pontos de fixação, buscando um re-encontro que nunca existiu. O significante vai estabelecer uma separação entre esse gozo sem lei, que está na coisa-corpo, fora da linguagem e, que nos remete ao mito de Totem e Tabu, para um outro tipo de gozo, que é parcial.

No gozo fálico, há uma perda fundamental, porque a lei se faz presente como corte; o pai é castrado. Há uma ordenação do gozo sexual pelo significante. Serão possíveis, a partir daí, pequenas fatias de gozo, pois o gozo fálico não permite gozar da totalidade do corpo.

Mas, mesmo que haja uma não relação entre o gozo do corpo e o gozo fálico, existe um resto inassimilável e irreduzível, objeto *a*, onde se conecta o gozo de RSI. Isso porque há buraco no simbólico, há um significante que falta e, por isso, há repetição.

O gozo fálico cifra o gozo do corpo, mas não o extingue. O sujeito, em falta dessa parte de gozo que foi simbolizada e perdida, busca resgatar nos objetos substitutos fantasmáticos o *a*-mais de satisfação, um bônus de gozo, um retorno

que faça suplência à falha estrutural. Demanda e desejo se articulam, compõem e organizam a superfície da linguagem, com significações, metáforas e metonímias, representantes formais do sujeito tórico. Essas voltas em torno do buraco vão produzir um tipo de discurso, um modo de gozo e o sintoma.

Há gozo no corpo, há gozo na linguagem, há gozo no pensamento do obsessivo. Há um corpo que goza por diferentes meios. Em “A Terceira”, Lacan (1974) vai tratar da articulação entre o gozo e a linguagem através de *lalangue*. Até mesmo, a palavra não é feita primariamente para se comunicar, para dirigir-se ao outro, e sim para gozar de si própria. A linguagem depende intimamente de *lalangue*, porque é derivada dela. Do contrário, a linguagem seria apenas comunicação, “palavras ao vento”. *Lalangue* é transportada para a superfície do discurso através da palavra, que carrega em si essa dupla inscrição do simbólico e do real.

Nesse contexto, Lacan passa a questionar a pertinência de se tentar operar sobre o gozo a partir do sentido da palavra, porque esse sentido é um falso buraco. Não há esperança de se alcançar o real pela representação. É de *lalangue* que se opera a interpretação, pois é o real da estrutura, é o primário da linguagem, é matéria sonora, modulação, marcas de afeto e de gozo que fazem parte da experiência do inconsciente.

Para extrair *lalangue* da linguagem, o analista precisa trabalhar no plano da lógica, ou seja, no avesso da linguagem

tórica, com a redução máxima do significante. Aí, onde não há significante que represente o sujeito, aparece um que vai operar como o pai real, como causa, um desvio do modelo além das identificações e dos objetos fantasmáticos. Essa é uma aposta na operação de separação, de ir além da seriação regular e automática da cadeia significante que constituiu o sujeito. É uma tentativa de desarticulação da realidade fantasmática em que o sujeito está identificado com seu gozo, para, a partir daí, abrir a possibilidade de sustentar o desejo como causa.

Para essa operação acontecer, é preciso que o analista faça semblante de objeto. Se o a é o objeto que cai, traduzindo uma perda, o analista porta esse semblante suporte do real, ou insuporte, como diz Lacan (1974), em “A Terceira”, já que é impossível ou insuportável encarnar o próprio real. Traduz uma presença como corpo, mas como semblante de a , sem consistência, o que denota ao mesmo tempo uma ausência e um vazio de subjetividade. Freud (1926) aponta para essa posição quando diz que o analista deve ser opaco aos seus pacientes e não dirigir reparo para algo específico da associação, mantendo a atenção suspensa em face de tudo o que escuta e abandonando-se à sua própria “memória inconsciente”. Do contrário, poderá correr o risco de fixar-se em algum material por conta de suas próprias inclinações, expectativas ou ambições terapêuticas.

Mas, mesmo que o gozo seja drenado nesse processo, ele não termina com o final de análise, ele faz parte da constituição do sujeito e é um fato de estrutura. Então, a questão que se apresenta é como pensar o gozo no ponto da virada

analisante-analista. Relendo o que foi abordado até aqui, percebe-se que essa questão já foi elucidada de várias formas, mas seria importante ressaltar alguns pontos. O analista estaria deslocado de sua função se estivesse identificado com as questões do paciente, sendo seu *i* de *a* (esquema R de Lacan de 1955), ou ficando na posição de mestre, de ideal, de fazer o bem ou curar. Assim respondendo, o analista não estaria sustentando uma perda do sujeito entre S1 e S2, perda essa que vai gerar a causa. Ele estaria presente com o seu narcisismo, sustentado pelo gozo fálico, utilizando da transferência do paciente em benefício de sua demanda de amor ou de seu gozo singular. Dessa forma, ao invés do analista ser causa de desejo seria causa de repetição, de resistência e de gozo.

Reiterando esses pontos, no texto “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”, Lacan (1953) diz que há uma tentação grande para o analista de abandonar o fundamento da fala quando está lidando com o inefável. Essas tentações seriam: a pedagogia materna, a ajuda samaritana, a dominação dialética e também o abandono da própria linguagem em benefício de linguagens já instituídas.

Trabalhar com o sintoma como metáfora, na produção de sentido-significações, é trabalhar com recuperação de gozo; e o efeito não é o mesmo quando se trabalha com o sintoma como real, extraíndo *lalangue*, que gera perda. Essa última forma de manejo do sintoma nos remete ao lado não-todo da fórmula da sexuação e alude a uma articulação entre a posição do analista e a posição feminina,

remetendo à falta de um significante no campo do Outro, o que reitera a condição desejante do analista.

Ao concluir essa etapa de elaboração sobre a função do analista, retomo o texto de Freud (1926) sobre a análise leiga, que marca a diferença do saber acadêmico para o saber inconsciente. Nada nos irá acrescentar se teorizarmos sobre a função do analista, sem passar pela experiência de análise, até as últimas consequências, como ele diz. Só assim haverá possibilidade de uma retificação com relação ao que é o saber que interessa ao analista e à modalidade de gozo à qual cada um é responsável em retificar para conseguir sustentar o lugar de objeto para o desejo do analisando.

Abstract: The text is concerned with the concept *lalangue* as a primary trait of the other in the body, loss of total enjoyment to a partial enjoyment mediated by symbolization. It elaborates on the course of analysis as a debugging process of the phallic jouissance and the analyst's function of extracting speech from the analysand's speech, establishing the real as the sense of the symptom.

Keywords: *Lalangue*. Real. Jouissant. Function of the analyst.

Referências

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga (1926). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 209-283. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. A Terceira (1974). *Revista da Escola Letra Freudiana. Documentos para uma Escola VI – A terceira: uma escola para a psicanálise*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, ano XXXV, n. 0'''''' (2016), p. 179-205, 2016.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

Obras consultadas

ANOTAÇÕES do Seminário O corpo na psicanálise – Freud em alemão, coordenado por Sérgio Becker, Belo Horizonte, 2016.

ANOTAÇÕES do *Seminário Abordagem topológica da presença do analista*, coordenado por Arlete Campolina, Belo Horizonte, 2016.

FAVATO, Ana Maria Fabrino. *Da transferência à presença do analista*. 2005. 136 páginas. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e

Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 147-159. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 19: ... ou pior (1971-1972)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1958). In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 537-590.

RABINOVICH, Diana S. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.



“... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco

Viviane Gambogi Cardoso¹

Resumo: Em “O Seminário 20: mais, ainda”, Lacan interroga sobre o fundamento da psicanálise, o inconsciente, e faz uma crítica à ciência nos moldes aristotélicos, em que o gozo fica elidido. No texto abaixo, o autor baseia-se nesse seminário e no advento do Barroco para abordar a questão do gozo e do real no processo psicanalítico.

Palavras-chave: Gozo. Real. Barroco. Desejo do analista.

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói, e não se sente;
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder.
É querer estar preso por vontade;

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(LUÍS DE CAMÕES, Soneto)

“... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco

Lacan diz que seu discurso participa do Barroco. Após testemunhar uma “orgia” de igrejas na Itália, ele refere-se à arte barroca como uma

[...] exibição de corpos que evocam o gozo, só falta a copulação e, se ela não está presente, não é sem razão. Ela está tão fora de campo quanto está na realidade humana, que ela sustenta com os fantasmas de que é constituída. Em nenhum lugar, em nenhuma área cultural essa exclusão se confessou de maneira mais nua. E mais, em nenhum lugar, como no cristianismo, a obra de arte, como tal, revela-se de modo mais patente pelo que ela é, desde sempre e por toda parte: obscenidade (LACAN, 2010, p. 233).

No *Encore*, Lacan interroga sobre o fundamento da psicanálise, o inconsciente, e faz uma crítica à ciência nos moldes aristotélicos, em que o gozo fica elidido. Ele pergunta: “[...] como uma ciência ainda (*encore*) – depois do que se pode dizer do inconsciente – é possível?” (LACAN, 2010, p. 223). Isso o levará a falar do cristianismo.

Ele diz que a prova da existência de Cristo é o cristianismo, e que a história de Cristo “[...] apresenta-se não como empreendimento para salvar os homens, mas para salvar

Deus” (LACAN, 2010, p. 227). Cristo pagou o preço por isso, pagou com o próprio corpo, mutilado, crucificado. Lacan lembra-nos que Freud nos deu uma interpretação necessária, “que não cessa de se escrever”, do assassinato do filho, como fundador da religião da graça – um modo de denegação – o que constitui uma forma possível da confissão da verdade.

Dos efeitos que se desenrolaram do cristianismo, especialmente sobre a arte, encontra-se o barroquismo, do qual Lacan diz estar revestido. O Barroco mostra a história de um homem, Cristo, que é contada nos Evangelhos como verdade inquestionável. O discurso analítico aponta para a impossibilidade de apreender toda a verdade “na medida em que o inconsciente não é passível de absoluto desvelamento, está sempre por dizer” (OLIVEIRA, 2006, p. 292). A própria estrutura da verdade é um semi-dizer, não se revela toda.

A eclosão da Reforma Protestante pôs um fim à unidade do cristianismo e à primazia do papado romano, mas logo em seguida a Igreja Católica reorganizou suas forças lançando a Contrarreforma, numa tentativa de refrear a evasão de fiéis para o lado protestante e a perda de influência política da Igreja. O resultado disso foi um grande conflito espiritual e estético, expresso pela arte ambivalente, polimorfa e agitada do período. A orientação da Igreja era de se produzir uma arte que pudesse cooptar a massa do povo, apelando para o sensacionalismo e uma emocionalidade intensa. Eram utilizados recursos ilusionísticos e dramáticos, de

“... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco

efeito grandioso e teatral para acentuar o apelo emotivo e estimular a piedade e a devoção.

Dinamismo, contrastes fortes, dramaticidade, exuberância e realismo estão presentes nas obras artísticas barrocas em contraposição às qualidades de moderação, austeridade, equilíbrio e harmonia buscadas no Renascimento. O equilíbrio entre o sentimento e a razão é rompido, representando o apelo ao emocional ou patético em oposição à tendência do intelecto a estabilizar e fixar princípios rígidos.

A tendência barroca de substituir o absoluto pelo relativo, a limitação pela liberdade, é expressa mais nitidamente no uso de formas abertas. Ao contrário do Renascimento, que buscava criar através da arte um mundo de formas idealizadas, purificadas de suas imperfeições e idiossincrasias individuais, dentro de uma concepção fixa do universo, no Barroco a mutabilidade das formas e da natureza e o dinamismo de seus elementos se tornaram evidentes. A interpretação barroca, a partir da observação da natureza como ela é e não como ela deveria ser, deu às obras ênfase na emoção, no espetaculoso e no teatral pelas contorções dramáticas das figuras, pelo registro das formas com suas imperfeições naturais e pela liberdade concedida ao artista para experimentar soluções individuais.

Nascido em um cenário de conflitos espirituais e religiosos, o estilo Barroco traduz a tentativa angustiante de conciliar forças antagônicas e manifesta uma tensão entre a materialidade opulenta e as demandas de uma vida espiritual. No Barroco, o homem é um ser de angústias e dúvidas.

“... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco

Alma atormentada pela falta de respostas, representada nos meandros e labirintos. Revelação e desamparo. A fé cristã se revela nos corpos nus, que mostram e escondem seus desejos.

A consolidação das monarquias absolutistas foi outro elemento de importância para a formação da estética barroca. Por meio da arte, procuraram consagrar os valores que defendiam. O poder e a grandeza dos Estados centralizados eram exibidos nas construções monumentais dos palácios reais. Por outro lado, nessa mesma época, a burguesia ascendente passou a se educar e abrir um novo mercado consumidor de arte. Tendo preferências estéticas distintas da realeza, foi importante para a formação de certas escolas barrocas mais ligadas ao realismo.

Por fim, outra força ativa foi um renovado interesse no mundo natural e uma gradativa ampliação dos horizontes culturais através das grandes navegações e do desenvolvimento da ciência, que trouxeram uma consciência da insignificância do homem em meio à vastidão do universo e da insuspeitada complexidade da natureza.

O poder e o prestígio da Igreja começavam a declinar diante do crescente racionalismo e pragmatismo promovidos pela ciência e pela nova realidade política, desafiando antigas crenças enraizadas.

Lacan diz que “A Contrarreforma era voltar às origens, e o Barroco é a ostentação disso, é a regulação da alma pela escopia corporal” (LACAN, 2010, p. 236). A escopia

“... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco

corporal é o que se dá a ver, o que aparece. A encenação dramática, promovida pela Contrarreforma, tenta acalmar, regular a alma atormentada, de um ser desamparado diante da infinitização do mundo que se abria. Gozo místico testemunhado pelos mártires em seu sofrimento mais ou menos puro.

“... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco

São Tomás (1227-1274) cristianizou Aristóteles, à semelhança do que fez Santo Agostinho com Platão. Ele transformou o pensamento aristotélico num padrão aceitável pela Igreja Católica, apesar de Aristóteles não ter conhecido a “revelação” cristã. No fim de sua vida, Tomás disse que tudo o que havia escrito era “palha” diante do que lhe foi revelado. Ele negou... porque não é isso... Lacan diz que os cristãos têm horror do que lhes foi revelado. Em sua frase emblemática, Lacan confirma isso dizendo: “... eu te peço que recuses o que te ofereço, porque não é isso”. E enfatiza: “... porque não é isso!” (LACAN, 2010, p. 231).

Aí está o grito pelo qual se distingue o gozo obtido do gozo esperado. Lacan diz que “o inconsciente não é que o ser pense”, mas “[...] é que o ser, falando, goze”. E acrescenta: “[...] e não queira saber nada, mais nada disso” (LACAN, 2010, p. 224). Esse saber é perfeitamente limitado a esse gozo insuficiente, que constitui que ele fale, o gozo fálico. A negação mostra o real, aparece como advinda do próprio texto do gozo, na medida em que faz suplência à inexistência da relação sexual, já que a proporção com o Outro sexo não existe.

Lacan diz que essa hiância inscrita no próprio estatuto do gozo, enquanto *dit-mension* (dimensão do dito) do corpo, no ser falante, é o que reaparece com Freud através da existência da palavra. Onde isso fala, isso goza. O que não quer dizer que isso saiba.

O inconsciente se desdobra em infinitas dimensões, no mínimo três: real, simbólico, imaginário. Nessas entranhas, algo de irredutível se coloca em suspensão. Negação. Há do real no inconsciente.

Segundo Freud, “a negação é uma suspensão do recalque” (FREUD, v. XIX, 1976, p. 296), um modo de tomar conhecimento dele, porém não uma aceitação do que está recalcado. O resultado disso é uma aceitação intelectual do recalcado, persistindo o essencial ao recalque.

Analisando a função do julgamento, Freud diz que este é uma continuação do processo original por meio do qual o eu integra coisas a si ou as expelle de si, de acordo com o princípio de prazer. O mecanismo da simbolização se fundaria em uma ausência e esta seria a função lógica da *Austössung*, a exclusão de um sentido que, miticamente, teria sido afirmado numa *Bejahung*. A polaridade de julgamento, como diz Freud, parece corresponder à oposição dos dois grupos de pulsão: a afirmação – como um substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão – pertence à pulsão de destruição. O desempenho da função de julgamento somente tornou-se possível com o auxílio do símbolo da negativa, que dotou o pensar de uma

“... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco

primeira medida para se libertar das restrições do recalque, e, com isso, da compulsão do princípio de prazer.

Freud conclui que o reconhecimento do inconsciente por parte do eu se exprime numa fórmula negativa. Ele diz não haver “prova mais contundente de que fomos bem sucedidos em nosso esforço de revelar o inconsciente, do que o momento em que o paciente reage a ele com as palavras ‘Não pensei isso’ ou ‘Não pensei (sequer) nisso’” (FREUD, v. XIX, 1976, p. 300).

A *Behajung* “não é outra coisa senão a condição primordial para que, do real, alguma coisa venha a se oferecer à revelação do ser, ou, para empregar a linguagem de Heidegger, seja deixado-ser” (LACAN, 1998, p. 389).

Segundo Lacan, a denegação e o reaparecimento na ordem puramente intelectual do que não está integrado pelo sujeito, protege o neurótico da invasão que sofre o psicótico pelo material excluído, que retorna sobre o sujeito na forma de delírios e alucinações.

Lacan sustenta que a importância da negação é exhibir o limite da simbolização, apontando o inconsciente. Sua assertiva passa a ser a do inconsciente como um saber cifrado, impermeável à interpretação, pois se situaria numa exterioridade em relação ao discurso.

A partir desse inconsciente, nos remetemos às obras do Barroco, que abrem uma janela para o real, em suas dobras, nos corpos exibidos, nos contrários, nas anamorfozes, que

são deformações enigmáticas que rompem com a linearidade. O Barroco não é apenas um estilo artístico, expressão de uma época, mas um estilo, no sentido de corte, estilete, como Lacan usa para definir o objeto em sua versão real. Somos invadidos pelo espetaculoso, pela dimensão infinita, pelo real.

O estilo é da ordem da enunciação por onde circula a verdade. A formação do analista se dá pela via do estilo: transmissão de verdade que toca o real. O analista opera a partir de seu estilo, através do qual sustenta o desejo do analista como operador lógico do processo analítico.

Abstract: In Seminar 20, Lacan questions the basis of psychoanalysis, the unconscious, and criticizes science in the Aristotelian way, where jouissance is elided. In the text below, the author is based on this seminar and the advent of the Baroque to address the issue of enjoyment and the real in the psychoanalytic process.

Keywords: Enjoyment. Real. Baroque. Desire of the analyst.

“... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco

Referências

FREUD, Sigmund. A Negativa (1925). In: _____. *O Ego e o Id e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 295-300 (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

LACAN, Jacques. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 383-401.

LACAN, Jacques. *Encore* (1972-1973). Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2010. Edição não comercial destinada exclusivamente aos membros da Escola.

OLIVEIRA, José Sávio. A ética da psicanálise sob um olhar barroco. In: FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE, 5, 2006, São João Del-Rei. *Anais do V Fórum Mineiro de psicanálise*. São João Del-Rei, 2006. p. 290-295.

Obras consultadas

BELLO, Aloysio. O Barroco, a psicanálise, o ocultamento. In: FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE, 5, 2006, São João Del-Rei. *Anais do V Fórum Mineiro de psicanálise*. São João Del-Rei, 2006. p. 308-312.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MAURANO, Denise. Barroco: o estilo da orelha. *Revista da Escola Letra Freudiana. Experiência de saber*; Rio de Janeiro: 7 letras, p. 413-420, 2011.

SIMÕES, Maia da Penha. Barroco: na sensualidade, a expressão da transcendência. *Revista da Escola Letra Freudiana. Experiência de saber*, Rio de Janeiro: 7 letras, p. 407-412, 2011.

VIDAL, Eduardo. O inconsciente, *encore*. *Revista da Escola Letra Freudiana. Experiência de saber*, Rio de Janeiro: 7 letras, p. 475-478, 2011.

Grande enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova cultural, v. 3, 1998.

Barroco. In: WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Barroco>>.

“... porque não é isso!” Nas dobras do Barroco



Real da experiência

Um lugar êxtimo¹: possibilidade de uma análise

Maria Luiza Bassi²

“É o modo que o inconsciente tem de proceder – ele deixa apenas vestígios...”

(LACAN, 1975-1976, p. 120)

Resumo: Experiências vividas são marcadas no corpo que, a partir da linguagem, se torna um corpo de discurso. Muitas dessas marcas permanecem retidas, sem tradução. A análise promove uma revisão de antigos recalcamientos, alguns são demolidos, outros reconhecidos e traduzidos do campo das representações para o campo das palavras. Para o sujeito em questão, o percurso de análise possibilitou a escrita do gozo fálico fora corpo, enodando o real e o simbólico, abolindo o sentido e sustentando o lugar de causa de desejo – me sinto suja... sujeita... sujeito.

Palavras-chave: Corpo. Gozo. Objeto *a*.

-
- 1 Ponto êxtimo, intimidade exterior. Termo cunhado por Lacan para expressar a relação de continuidade que o furo central do toro mantém com o exterior.
 - 2 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

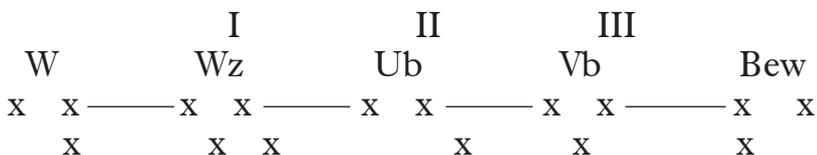
Em seu texto “A Terceira”, Lacan situa a experiência do homem com seu corpo numa dimensão de sofrimento e mal-estar: “De que nós temos medo? Do nosso corpo” (LACAN, 1974, p.17). Para a psicanálise, a tomada do corpo pela linguagem significa que a carne se torna corpo, com isso o corpo humano muda de estatuto, torna-se um corpo de discurso. É um corpo que depende das representações do sujeito e se torna um corpo fantasístico, pulsional. A angústia estaria associada à impossibilidade do ser falante (*parlêtre*) dizer desse corpo. Algo escapa, falha, permanece sem inscrição.

Lacan parte desse mal-estar no corpo para nos apresentar o nó borromeano, identificando as três consistências do imaginário, do simbólico e do real, e a interseção onde se localiza o objeto pequeno *a*. É nesse lugar de mais-degozar que se conecta todo o gozo. Na interseção entre o imaginário e o real localizamos o gozo do Outro. Entre o real e o simbólico está o gozo fálico e entre o simbólico e o imaginário, o sentido. O que é externo a cada uma dessas interseções marca o caráter “de fora” como no gozo fálico “fora do corpo”, como o sentido em relação ao real e o gozo do corpo em relação ao simbólico.

Lacan conceitua o gozo a partir de “O Seminário 7: a ética da psicanálise”, de 1960, já marcando aí a captura do gozo pelo significante. Falar do gozo do Outro, ou gozo do corpo, é dizer de um momento de constituição em que, a partir da experiência de desamparo fundamental do recém-nascido, o sujeito fica marcado de forma indelével e inexorável pelas

tensões ligadas às manifestações do real que se irrompem. Tais experiências marcam o corpo e é, a partir do aparelhamento da linguagem, que o sujeito poderá representá-las. Desse modo, o gozo passa a existir no momento em que falamos dele, podendo, a partir daí, ser delineado pelo discurso. O gozo se torna impossível àquele que fala, podendo ser dito nas entrelinhas pelo sujeito para sempre dividido entre o gozo mítico da Coisa e o desejo que vem do Outro. Desde a aparelhagem do gozo pela linguagem, ele é cifrado pela inscrição dos vestígios mnêmicos constitutivos do aparelho psíquico.

Retomemos a escrita de Freud a Fliess na “Carta 52”, de 1896, na qual apresenta um esboço do que seria a escrita psíquica, podemos dizer, uma escrita pulsional. A partir de uma entrada sensorial *W* (*Wahrnehmung* – percepções), algo seria registrado através de uma indicação de percepção *Wz* (*Wahrnehmungszeichen* – indicação de percepção). Essa indicação sofreria uma primeira transcrição *Ub* (*Ubewusstsein* – inconsciência) e uma segunda transcrição *Vb* (*Vorewusstsein* – pré-consciência) ligadas às representações verbais. Podemos inferir que um traço de percepção é inscrito em *Wz*, ficando registrado como um traço mnêmico, signo do que foi percebido, representação coisa que será transcrita a partir de um aparelho linguageiro em representação palavra em nível pré-consciente.



Um lugar êxtimo: possibilidade de uma análise

Mais tarde, em 1925, Freud retoma a questão da escrita inconsciente para dizer do que se inscreve do objeto percebido. Ele diz:

[...] o pensar tem a capacidade de trazer diante da mente algo outrora percebido, reproduzindo-o como representação [...] o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não encontrar na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas reencontrar tal objeto, convencer-se que ele está lá [...] uma pré-condição para o estabelecimento do teste de realidade consiste em que objetos, que outrora trouxeram satisfação real, tenham sido perdidos (FREUD, 1925, p. 267).

Para Freud, o aparelho psíquico se liga a um processo de escrita. Para Lacan, o inconsciente se produz de uma escrita primeira, signos que são inscritos de forma simultânea e sem ordem como formas de contagem de experiências diferentes de real. Pedacinhos de real que se inscrevem no corpo, letras marcadas no corpo.

O gozo fálico seria determinado a partir da cifragem linguageira do gozo corporal que se efetua no inconsciente. Essa cifragem consiste nos traços mnêmicos constitutivos do aparelho psíquico. Em um primeiro tempo, o trabalho psíquico entre percepção e inconsciente procede por con-

densação e deslocamento dos traços mnêmicos, processo nominado por Lacan por metáfora e metonímia. Trata-se de uma primeira decifração de gozo tomada nos signos da percepção. Em um segundo tempo, entre inconsciente e pré-consciente, a representação coisa traduzida em representação palavra poderá ser transferida para a significação do discurso consciente. É, através dessas representações, que o sujeito tenta reencontrar o objeto (VALAS, 2001).

Lacan marca o objeto *a* como operador de uma diferença que possibilita a exterioridade do gozo do corpo, configurando, a partir daí, o gozo fálico. O fora-do-corpo do gozo fálico caracteriza uma anomalia da imagem corporal na medida em que aí se desenvolve a falta fundamental que Lacan qualifica por não relação sexual.

Em um determinado tempo de análise, um sujeito diz de uma sensação de “sentir-se sujo” que o acompanhou pela vida afora e, só agora, pode dar um nome, dizer dessa sensação.

Em “O Seminário 9: a identificação”, Lacan nos apresenta o toro para representar a estrutura neurótica. Essa superfície topológica se organiza em dois vazios: um interior e um central que lhe é exterior. O vazio interior permite o traçado da linha da demanda e do desejo, engendrando uma espiral. A cada volta da demanda há um encontro com o nada abrindo para a linha do desejo. O buraco central, marcado por um vazio, êxtimo ao sujeito da linguagem, permite o “abraço tórico”, ou seja, um abraço com o Outro, também tórico. Essa nodulação, estruturante para o sujei-

to, se mostra impossível e, se não há reciprocidade, o que se colhe é o próprio vazio.

É a partir de uma possibilidade do neurótico de estar enlaçado ao Outro que o analista, na transferência, oferece um saber suposto, se oferece *en corps*³, instala o objeto *a* no lugar de semblante, acolhe a demanda a partir de um desejo que visa a pura diferença e abre para a possibilidade do discurso do analista como operador lógico. O desejo do analista mantém em tensão o lugar do objeto *a* em torno do qual os gozos se escrevem em falta.

Para esse sujeito, a sensação de sujeira pode ser traduzida do campo das representações para o campo das palavras. O percurso de análise possibilitou a escrita do gozo fálico fora corpo, enodando real e simbólico, abolindo o sentido e sustentando o lugar de causa de desejo – me sinto suja... sujeita... sujeito.

Resumen: Experiencias vividas son marcadas en el cuerpo que, a partir del lenguaje, se vuelve un cuerpo de discurso. Muchas de esas marcas permanecen retenidas, sin traducción. El análisis promueve una revisión de antiguas represiones, algunas son demolidas, otras reconocidas y traducidas desde el campo de las representaciones al campo de las palabras. Para el sujeto en cuestión,

3 *En corps*: expressão usada por Lacan no Seminário 19, p. 222, homófono a *encore*, ou ainda ou de novo que remete à repetição.

el recorrido de análisis ha posibilitado la escritura del goce fálico fuera cuerpo, anudando lo real y lo simbólico, aboliendo el sentido y sosteniendo el lugar de causa de deseo – me siento sucia... sometida... sujeto.

Palabras-llave: Cuerpo. Goce. Objeto *a*.

Referências

FREUD, Sigmund. Carta 52 (1896). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 281-289. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, Sigmund. A Negativa (1925). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 263-269. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1960). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. *A Identificação* (1961-1962). Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2011. Publicação para circulação interna.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 19: ... ou pior* (1971-1972). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. A terceira (1974). *Revista da Escola Letra Freudiana. Documentos para uma Escola VI – A terceira: uma escola para a psicanálise*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, ano XXXV, nº 0'''' (2016), p.179-205, 2016.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma (1975-1976)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

VALAS, Patrick. *As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Corpo, gozo e *lalangue*

Labibe Geralda Gil Alcon Mendes¹

Resumo: A proposta deste texto é abordar corpo, gozo e *lalangue*, e, através de fragmentos clínicos, demonstrar que é d'alíngua que procede toda animação do gozo corporal.

Palavras-chave: Gozo. *Lalangue*.

Em o “Além do princípio de prazer”, Freud afirma: “Sermos então compelidos a dizer que o objetivo de toda vida é a morte” (FREUD, 1920, p. 56). Há em todo ser vivo uma tendência para a morte. É essa tendência de retornar ao estado inorgânico que Freud chama de pulsão de morte, enquanto o esforço para que esse objetivo não se cumpra de maneira natural, ele denomina de pulsão de vida. O trabalho da pulsão de morte se efetua no sujeito sob o comando do supereu, que o leva a transgredir suas próprias interdições e lhe exige o impossível de um gozo pulsional sem barreiras. O supereu é estruturado como voz, ele faz parte da estrutura fantasmática do sujeito e opera a partir do sentimento de culpa. A implicação do sujeito nesse imperativo emerge no terceiro tempo do circuito da pulsão quando se faz gozar de forma masoquista.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

Chamarei de Jota o analisando dos fragmentos clínicos que apresentarei. Jota esteve fora, retorna ao Brasil e à sua análise. Seu retorno decorreu por algo que fizera no trabalho e fora demitido. Queixa-se de sintomas na pele: grande quantidade de pequenos machucados no couro cabeludo, alguns na face, e coceira nas mãos.

Jota diz: *Detonei meu computador. Tentei instalar algo incompatível com o equipamento. A analista diz: Isso tá lá. Ele responde: Parece castigo o que fiz.*

Conforme Lacan: “O masoquismo é o ápice do gozo dado pelo real” (LACAN, 1975-1976, p. 76). Para Freud, existe na vida psíquica uma tendência irresistível à repetição, uma tendência cuja pulsação se afirma sem levar em conta o princípio de prazer, impondo uma satisfação mórbida, cujo caráter enigmático deve ser decifrado. Depois de Freud, Lacan expôs como se opera o aparelhamento do gozo pela linguagem e demonstrou que é d’alíngua que procede toda animação do gozo corporal.

Em “O Seminário 19: ... ou pior”, Lacan diz: “Hoje começarei a lhes mostrar como é possível dar ao que concerne à castração, que não a anedótica, fazendo uso das funções lógicas” (LACAN, 1971-1972, p. 42). Ele se propõe encontrar no real, que se afirma pela interrogação lógica da linguagem, “o modelo do que a exploração do inconsciente revela” (LACAN, 1971-1972, p. 40), que diz da operação de extração de gozo pela lógica significante, através do discurs-

so do analista. Possibilitando, com isso, uma subversão da posição do sujeito nessa relação entre saber e gozo.

Na análise, quando se trabalha no campo da linguagem, o significante fálico revela os dois sexos na estrutura – o homem: ter o falo, e a mulher: ser o falo – isso se relaciona com a castração significativa. No campo fora linguagem, quando não há significante, o analista vai trabalhar com o significante na ordem da $\exists x \overline{\Phi x}$. Esse significante, na tábua da sexuação, está do lado homem e quer dizer: existe um significante para o qual a função fálica é negada. É um significante matemático, que tem estatuto diferente dos significantes sexuados. É o Um do real, está na ordem da castração real, por isso “é chamado função do pai” (LACAN, 1972-1973, p.107). É o significante do gozo do corpo, pois é ordenado por um conjunto de letras. Na ausência de traço, ele faz existir o significante neste campo fora linguagem.

Lacan, em “O Seminário 19: ... ou pior”, nos adverte: “No equilíbrio vida e morte, o gozo intervém” (LACAN, 1971-1972, p. 41), em consonância com essa colocação, ele diz: “O ser falante é essa relação perturbada com o próprio corpo que se chama gozo” (LACAN, 1971-1972, p. 41). No encontro do ser vivente com a língua materna, o corpo se constitui como imagem, mas também como eco pulsional do dizer do Outro. Esse dizer, para que ressoe, é preciso que o corpo lhe seja sensível, o que concerne aos seus orifícios, dos quais o mais importante é o ouvido, pelo fato de ele não poder se fechar. “É por esse viés que, no corpo, corresponde o que chamei de voz” (LACAN, 1975-1976,

p. 19). Em “O Seminário 20: mais ainda”, Lacan expressa: “[...] o que há sob o hábito, e que chamamos de corpo, talvez seja apenas esse resto que chamo de objeto *a*” (LACAN, 1972-1973, p.14). O objeto *a* é o ponto do corpo que foi marcado pela letra com *lalangue*. *Lalangue* é puro som, e a letra se expressa como sons de *lalangue*, que são efeitos de afetos. Em “O Seminário 10: a angústia”, Lacan afirma que “o objeto *a* é a libra de carne” (LACAN, 1962-1963, p.139).

Como operar com isso que foi cifrado na carne? Jota diz: *Fiz uma entrevista, e pediram-me pra fazer um curso em outra cidade. Posso ir semana que vem, na seguinte ou na terceira semana. Mas decidi: vou fazer isso já. A analista: Vai fazer e sujar?* Ele ri. Quinze dias depois a analista se depara com o rosto de Jota cheio de pequenos machucados. O gozo do corpo é fora linguagem, é puro real, vai ser marcado pelos sons da linguagem.

“Vou fazer isso já” – é o significante na superfície tórica, na superfície da linguagem, é aí que aparecerá a verdade S2. Na transferência, o analista desarticula essa verdade e faz aparecer – vai fazer e sujar – saber inconsciente. Neste momento, o sujeito não comparece, o sujeito é barrado, pois este é o campo do real, o campo fora linguagem. O corte do analista no S2 faz aparecer o conjunto de letras (v.a.i.f.a.z.e.r.e.s.u.j.a.r). Esse conjunto de letras é o mais morto e o mais vivo na estrutura. Morto porque mata o simbólico, vivo porque é marcado pelo afeto. Campolina, em seu seminário de 2016: “Abordagem topológica da presen-

ça do analista”, diz: “Conjunto de letras ligadas à experiência inconsciente e que se apresenta como consistência imaginária”. Em seu seminário de 2015, “O dizer do analista e topologia”, essa mesma autora afirma: “*Lalangue* ao se apresentar como *semblant* de *a* é um forçamento de linguagem diante de uma modalidade lógica”. A intervenção a partir do significante matemático permite o esvaziamento da construção imaginária. Isso remete ao que Lacan diz: “A castração é algo por que é preciso passar. Enquanto não soubermos disso, não haverá discurso sadio” (LACAN, 1971-1972, p. 32).

Ainda nessa sessão, Jota diz da sua mania de procrastinar: *Se eu quiser ir embora, devo ter mais determinação. A analista: deter mim ação.* O corpo, sensível aos efeitos d’álíngua, é a sede de suas inscrições.

Lacan (1975-1976), ao definir o *sinthoma* como o quarto nó, acrescenta, que é ele que amarra os três registros: Imaginário, Real e Simbólico. No final de seu ensino, Lacan dirá que quando o sujeito faz de si um *sinthoma*, nesse momento o sujeito não é mais do que uma torção de voz, é *lalangue*. É unicamente pelo equívoco que a interpretação opera, pois o equívoco é a arma contra o *sinthoma*. O equívoco é a articulação que o analista faz do conjunto de letras com o objeto *a*. A interpretação por equívoco produz efeitos no corpo.

Jota coça insistentemente as mãos, e diz: *Estou em um relacionamento em que lido com o parcial. É uma relação estranha. Analista ri e diz: rela, ação estranha!* A coceira cessa. Becker em seu seminário de 2016: “O corpo na psicanálise – Freud em alemão”, afirma: “Corpo e gozo se enodam por *lalangue*, o corpo goza porque há inconsciente”. No seminário de 2016, Campolina comenta: “Quando a letra se conjuga com *lalangue*, forja o sentido, que só vem pela realidade fantasmática, sempre orientada pelo mais de gozar. Assim, a análise vai ser a travessia da realidade fantasmática, possibilitando a liberação do objeto *a*”.

Resumen: La propuesta de este texto es tratar cuerpo, placer y *lalangue*, y, a través de fragmentos clínicos demostrar, que es d’*lalangue* que procede toda energía del placer corporal.

Palabras-llave: Gozo. *Lalangue*.

Referências

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In _____. *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 10: a angústia (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 19: ... ou pior* (1971-1972). Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sintoma* (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ANOTAÇÕES do *Seminário Abordagem topológica da presença do analista*, coordenado por Arlete Campolina, Belo Horizonte, 2016.

ANOTAÇÕES do *Seminário O dizer do analista e topologia*, coordenado por Arlete Campolina, Belo Horizonte, 2015.

ANOTAÇÕES do *Seminário O corpo na psicanálise – Freud em alemão*, coordenado por Sérgio Becker, Belo Horizonte, 2016.

Obras consultadas

QUINET, Antônio. *Édipo ao pé da letra*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

Transferência na clínica em cidade pequena: testemunho sobre o suposto conhecer

Eduardo Lucas Andrade¹

Resumo: Não há clínica sem transferência, tampouco sem o desejo de analista. A clínica psicanalítica é da experiência de uma atualização do inconsciente em análise. Este artigo visa desassossegar e tecer reflexões sobre o acontecer transferencial nas clínicas localizadas em cidades pequenas, além de indagar a questão do desejo de analista. Poucas escritas existem sobre esse tema. Em função do horizonte de nossa época, que descentraliza a psicanálise das grandes cidades, torna-se necessário escrever sobre o tema. A realidade da cidade pequena é outra. Devido à artificialidade da neurose, efeito da neurose de transferência, a elasticidade da técnica e o tato são convocados.

Palavras-chave: Clínica. Transferência. Desejo. Cidade pequena.

1 Psicanalista. Membro do Fatias de Análise – Bom Despacho (MG).

A clínica em cidade pequena é problemática de muitos e curiosidade de outros, uma vez que toca no lugar do analista, na técnica e no uso clínico da metapsicologia. Por cidade pequena compreendamos aquela do interior, onde o ritmo repetitivo e estreito faz com que o analista encontre seu paciente fora da clínica várias vezes. As cidades pequenas, mesmo as próximas das capitais e as cidades com alto índice de população, têm um teor de repressão – *Unterdrückung* – diferente, um trabalho da cultura distinto, que merece escuta e atenção flutuante. Lá, em geral, ainda se reprime, com mais intensidade, coisas que, na capital, já estão mais naturalizadas nas relações. A título de exemplo, como dão notícias da vida do outro no interior, em cidade pequena, um namorado dormir na casa de uma namorada, sem que a união tenha sido oficializada, é o cúmulo do absurdo.

No campo do atemporal do inconsciente, ocorre nitidamente a marca de que o psicanalista cresceu na cidade como ser humano. E a isso chamarei, mediante prática clínica, de suposto saber distorcido ao suposto conhecer. Muitos dos que procuram o analista – que ali morou desde criança e que é “o filho de” – se referenciam na confiança clínica pelo julgo imaginário da família de onde veio e pelo histórico de conduta.

Dessa forma, o procuram na suposição de conhecê-lo como analista. Para alguns, esse conhecer, que é não todo, pode ser ponto de desistência, outro vértice da transferência, ou seja, a resistência máxima, o rompimento.

Se o paciente é quem direciona ao analista a aposta clínica de sua história, é este que o faz enquanto tal. Vale ponderar que o suposto conhecer também se presentifica, além das pequenas cidades, no imaginário daqueles que fazem análise com professores universitários ou nos transmissores das escolas de psicanálise.

No escopo deste trabalho, pretendo limitar-me a três pontos (enigmas), que considero preciosos e com os quais me deparei quando encarei atendimentos desse tipo. Minha primeira fatia de análise, minha primeira ida a uma experiência psicanalítica, ocorreu em uma cidade pequena por via desse suposto conhecer. Anos mais tarde, lá estava eu com o enigma: iria ou não atender na cidade em que nasci, cresci e que é pequena.

Os três pontos a serem costurados neste escrito, diante desse enigma, e que podem ser enigma de outros analistas iniciantes, são:

1. Devo me autorizar a atender lá onde nasci, cresci e sou conhecido ou não? Eis a questão!
2. Tendo me autorizado, e os pacientes apostado na clínica, como devo me portar nas circulações pela cidade se desta também sou cidadão? Outros também trabalham em serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), na educação, participam de eventos culturais em outros lugares da cidade. E aí?
3. Como a transferência será possível, e a quais particularidades o analista deve estar atento?

Quanto à questão da autorização, o que percebi, depois de muito conversar com analistas já experientes, é que realmente a resistência primeva é do analista, da qual a resistência do paciente se faz de reflexo. De todo fato, a autorização num ambiente dessa espécie pode soar familiarmente estranha – *Unheimlich* – tanto ao analista quanto ao paciente: esperada por um ponto, inesperada por outro.

Muito se diz do desejo de analista, e aqui quero chegar nele dizendo pela minha experiência da resistência de analista. Por causa da resistência de analista que eu tinha, fui abrir consultório em outra cidade, e, muitos pacientes que moravam na cidade pequena, em que vivi toda a minha vida, começaram a ir lá também. Atravessavam cidades para serem atendidos. Algo do desejo do paciente, dessa aposta, do suposto conhecer, dizia mais alto que a minha resistência de analista. Algo insistia em ser escutado! A psicanálise nasce com a escuta do paciente e com a transferência.

Foi assim que me autorizei a atender naquela cidade com cerca de oito mil habitantes. Para minha surpresa, casos de tentativa de autoextermínio foram lotando a clínica. E diziam: “Vim aqui, pois te conheço e sei que sempre foi sério”; “Não tenho coragem de procurar outro profissional”; “Esperei anos para procurar, só vim por ser você”. É claro que não era algo pessoal. Era transferencial, uma aposta clínica se fazia.

Entre esses casos, havia outros casos gravíssimos de tentativas concretas de autoextermínio: carro jogado na ponte, carro jogado no barranco, pulsos cortados até no osso.

Diante disso, a pergunta que eu fazia a mim mesmo era: o que desse suposto conhecer torna suportável à pessoa dizer do que se padece da existência?

Dramas de toda sorte tocavam primeiramente o analista. Conforme propõe a lógica ferencziana, o analista deve cuidar de se questionar enquanto condutor do tratamento e não se contentar em resumir qualquer fracasso de transferência às resistências do paciente. As resistências do paciente demandam elasticidades técnicas, não éticas – isso é importante salientar.

É com Ferenczi (1928) que autorizações desse tipo podem soar levemente possíveis. Assim é necessário deixar a hipocrisia profissional de lado e ativar o tato, para que seja possível uma experiência de análise, uma vez que o fato de o paciente ir à clínica é por si mesmo um ponto de esperança e uma aposta no inconsciente.

Devido à análise mútua em jogo na clínica, postulado ferencziano que aponta as interpretações que os pacientes fazem dos analistas – a hipocrisia profissional –, esta é facilmente desmascarada pelo paciente perspicaz. Se o analista atendê-lo, ou com excesso de semblante, ou se tentar negar a existência da contratransferência, misturando as coisas, ele será destituído de seu lugar.

Só não é possível atender aqueles que o analista não consegue escutar por julgá-los tão próximos a si. O atendimento em psicanálise se sustenta no fato de que há um impossível em atender. Não se atende para atender a demanda e

sim para interpretá-la. E isso é válido também no suposto conhecer. A psicanálise é um discurso de escuta ética, que jamais deve ser abandonado em seu compromisso com o tratamento das manifestações do inconsciente.

Atender supostos conheceres, que há tempos não se veem, que não se falam, que no máximo se cumprimentam na rua, mas que em algum tempo se conheciam, não retira do analista o compromisso com o inconsciente pelo engodo de que naquela relação tudo já se conhece. Muito pelo contrário. É pelo compromisso, e por saber que o inconsciente não é inconsequente, que as autorizações devem ser feitas com desmedida cautela e particularidades na escuta.

A elevação do tato é proposta fundamental. Tato – *Einfühlung* – é sentir com, aponta Ferenczi (1928), sentir com a escuta flutuante, deslizante, trilhos de significantes. Sem o tato, o analista faz análise selvagem.

O amparo na transferência é o que esconde o véu do suposto conhecer tal como a formação da demanda esconde o alucinado desejo. Esse amparo é trabalhado na clínica e, vez ou outra, vaza nos dizeres do paciente; e, com ele, o paciente acaba suportando dizer do insuportável.

Aqui percebi o motivo de tantos casos de tentativa de autoextermínio, que não se tornaram públicos, de pessoas que me conheciam e que vieram até mim. O familiarmente estranho é suporte para transferência. E ali nada é mais do que inconsciente do que essa atualização do atemporal deslocado.

Para que uma análise aconteça, não é necessário ser desconhecido ao paciente. O analista não é de todo desconhecido. Rondam fantasmas desde o *a priori* da aposta clínica. A psicanálise aponta que atos podem revelar pontos para causas de desejo. O ato analítico é causa de desejo.

No jogo, na clínica do suposto conhecer, o paciente pode colocar o analista em vários lugares na artificialidade de sua neurose: “Conforme você conhece”, “Você deve saber”, “Ele que você sabe quem é”.

Aqui, em compromisso clínico, o analista pode deixar, no momento da acolhida e outros insuportáveis, que o paciente diga proximidades com ele, por exemplo: “Você sabe, você conhece, e tal”. Por outro lado, a técnica ativa pode fazer com que o analista convoque o valor do relato, colocando em cena que “posso conhecer algo e ter escutado dessa história, mas muito me interessa a forma como você me conta e diz dela”.

Uma coisa é nítida: nem sempre o analista estará no silêncio. Temos que, inclusive, dizer mais de que o psicanalista, não sem seu corpo, está presente como língua, escuta e “mais, ainda”.

Por fim, como formações do humano, as demandas não mudam. Elas chegam como queixa: o olhar do outro, a castração, a culpa, a família, o amor, o dinheiro, a impotência, o poder, o sexo e a sexualidade são temas clínicos.

Apesar de leves singularidades, essa clínica não é de Marte e nela não se atende unicórnios. É do ser falante. E ali se

trata da angústia, dos trilhamentos da pulsão, do homem lobo do homem e seus mal-estares.

Dessa forma, é o analista que deve dar conta de sustentar seu desejo, superar sua resistência e conduzir a clínica perante a neurose que vem. É o analista. A resistência é dele, que deve se reinventar perante o suposto conhecer e fazer avançar o tratamento nas manifestações do inconsciente e das vicissitudes pulsionais.

Abstract: There is no prospect in psychoanalytic clinic practice that rules out transference, would be a untidy practice, for the one in a clinical trial for patients, and also in the absence of the analyst desire. Psychoanalysis clinic is about the experience of updating the unconscious throughout the clinic treatment. This article chooses a target that teases and weaves reflections about the transference happening in local clinics of small towns, deviating the tricky question of the patient's as well as the analyst's desire. There are few writing samples about this subject. On account of the march of time, that decentralizes Psychoanalysis out of big cities, it becomes necessary to blurb such a theme. Small town realities are unlike what others may distinguish. Because of the artificiality/sensibility of neuroses and analysis mutual presents in a clinic treatment, the elasticity of technique and ability to feel are drafted.

Keywords: Clinic. Transference. Desire. Small Town.

Referências

FERENCZI, Sándor. Elasticidade da técnica (1928). In: _____. *Obras Completas Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. v. 4, p. 25-36.

Obras Consultadas

FERENCZI, Sándor. Transferência e introjeção (1909). In: _____. *Obras Completas Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. v. 1, p. 77-108.

FERENCZI, Sándor. Contraindicações da técnica ativa (1926). In: _____. *Obras Completas Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1993a. v. 3, p. 365-375.

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência (1912). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 131-143. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910). In: _____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 125-136. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

FREUD, Sigmund. Linhas de progresso na terapia analítica (1919 [1918]). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago,

1980. p. 199-211. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, Sigmund. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (1915 [1914]). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 177-188. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. Psicanálise 'silvestre' (1910). In: _____. *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 233-239. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 163-187. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).



Enlace

A clínica psicanalítica e suas possibilidades no sistema prisional

Maria Aparecida Oliveira do Nascimento¹

Resumo: Este texto trata de um olhar sobre a prática da psicanálise em um presídio feminino na região metropolitana de Belo Horizonte, seus impasses e a possibilidade de uma escuta diferenciada.

Palavras-chave: Psicanálise. Crime. Sistema prisional. Relação com o Outro e com a lei.

Mas é porque a verdade que ela [a psicanálise] busca é a verdade de um sujeito, precisamente, que ela não pode fazer outra coisa senão manter a ideia de responsabilidade, sem a qual a experiência humana não comporta nenhum progresso (LACAN, 2003, p. 131).

Este texto visa um olhar sobre a prática da psicanálise em um presídio feminino na região metropolitana de Belo Horizonte, considerando os impasses e possibilidades de trabalhar com pessoas inseridas nesse ambiente. A proposta é a escuta de mulheres que estão em confinamento por terem cometido algum tipo de crime.

1 Psicanalista. Membro da ATO – escola de psicanálise.

O papel do psicólogo no sistema penitenciário foi delimitado a partir da edição da Lei de Execuções Penais (LEP), de 11 de julho de 1984, e posteriormente a Lei 11.404, de 25 de janeiro de 1994. Antes disso, o acompanhamento psicológico era feito nos manicômios judiciários, hoje chamados Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico. Com a promulgação dessas leis, foi regulamentada a atuação do psicólogo. O trabalho compreende o atendimento psicológico e também a participação na Comissão Técnica de Classificação (CTC), responsável por fazer o levantamento das necessidades, aptidões e interesses dos presos, visando inseri-los na rotina da unidade prisional. Fazem parte ainda do ambiente prisional: o trabalho, a escola, campanhas de saúde, atividades culturais, grupo de narcóticos, dentre outras.

O que se vê hoje é que, apesar de seu primeiro objetivo ser o de corrigir e ressocializar, o sistema prisional vem fazendo um trabalho inverso, coisificando o homem e capacitando-o para o crime. Do sujeito preso e encaminhado para uma instituição prisional, é tirada a subjetividade e o pensar sobre si. Ele passa a responder por um número – o qual está inserido no Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen). Quanto às mulheres presas, temos o problema do uniforme, que é o mesmo que o dos homens. Além disso, não existe um kit específico para elas, contendo, entre outros, absorventes, shampoo, condicionador, papel higiênico, preservativos femininos.

Com isso, a questão do feminino fica prejudicada assim como a sexualidade, uma vez que não há visitas íntimas,

por não ter espaço apropriado para esse fim, nessa unidade e, em grande parte, nas demais unidades prisionais. A outra questão é a quantidade de alimentação, que é a mesma para homens e mulheres, ou seja, não há diferenciação, aspecto que deveria ser levado em conta devido às diferenças biológicas entre eles.

Outros impasses vividos pela parte técnica são a questão da segurança e a escassez de recursos, tanto materiais quanto de pessoal, sem locais adequados para a realização dos atendimentos com privacidade, o que torna essas indicações, por vezes, difíceis de serem cumpridas.

Em se tratando dessas dificuldades, podemos pensar: é possível uma clínica psicanalítica em uma unidade prisional, há um lugar para um psicanalista neste ambiente? Sabemos que sua prática, nesse local, está limitada à lei dos homens, articulada a outros profissionais e às regras de segurança.

Para Lacan (2003), a psicanálise pode ser aplicada em diversos contextos, ser presentificada no mundo, inclusive, no sistema prisional. Para tanto, é necessário que se faça a escuta do sujeito apenado, que este tenha uma demanda para tratamento e que se opere com a transferência.

A psicanálise possibilita um tratamento em que o sujeito não fica alienado em si mesmo e trabalha com a noção de responsabilidade do sujeito na sua relação com o Outro e a lei. Através da transferência, busca-se a singularidade de um sujeito.

Lacan (2003) nos aponta que a verdade a que a psicanálise pode conduzir o criminoso não pode ser desvinculada do respeito pelo sofrimento do homem.

Cada sujeito tem a sua complexidade e a sua singularidade e, para tanto, existem vários fatores motivacionais ou desencadeantes para a prática de um ato criminoso. Um dentre eles se destaca: é a falta da lei paterna, ausência de um pai simbólico que introduza a metáfora paterna. Tanto para Freud quanto para Lacan, é o pai que é o responsável pela instauração do desejo. O pai tem como função articular o desejo com a lei, o que dará suporte à estrutura psíquica. Para Zenoni (2007), a paternidade é um ato de fé, pois ele se constitui como uma premissa, uma hipótese. Partindo do ditado popular “a mãe é certa e o pai é incerto”, mesmo com a modernidade e o descobrimento do DNA, a mãe é que é a responsável por inscrevê-lo, enquanto um significante no inconsciente de seu filho. Nomear a função paterna, enquanto metáfora, significa incluí-la na ordem simbólica, dando possibilidade de falar do objeto mesmo em sua falta. Em decorrência da destituição do sujeito que está submisso e alienado ao objeto, é a lógica do excesso que passa a orientar os crimes, e o crime praticado pode ser pensado como uma defesa contra a angústia em decorrência do mal-estar moderno. Freud (1916) defende a noção de um sentimento de culpa que preexiste à passagem ao ato e, estando entrelaçado ao Complexo de Édipo, o sujeito se vê diante de duas questões: matar o pai e ter relações com a mãe.

Ser escutado pelo analista dá ao sujeito a possibilidade de não só falar, mas também de se escutar. A escuta analítica busca a humanização desse sujeito encarcerado, não se furtando, de maneira alguma, de responsabilizá-lo pelo seu ato a partir de uma mudança subjetiva e ressignificação dos motivos que o levaram ao cometimento do crime.

Nesse sentido, o crime está vinculado à instância forjada pelo desejo e, portanto, estruturado pela subjetivação. Assim, a partir da operação analítica, ato e subjetividade são passíveis de serem articulados.

Buscando trabalhar dentro da via da psicanálise, tem-se que o trabalho do analista visa à emergência da verdade do sujeito, ou seja, coloca em destaque a posição do analista cujo vetor deve ser a escuta do sujeito.

Mas podemos sustentar uma aposta no inconsciente através da escuta do sujeito – do sujeito do delito e não do apenado ou do criminoso. O crime é, portanto, um ato que está situado fora de uma lei: é a maneira encontrada para uma significação como sujeito.

O trabalho do inconsciente é atemporal em todos os seus aspectos. Tanto no sentido estrutural mesmo, quanto no situacional, em que uns poucos encontros podem ser decisivos para o sujeito que fala e assim permitir que se separe de seu ato pela fala e que possa advir a uma posição de implicação e responsabilização pelos seus atos.

Convivemos com uma demanda da Secretaria de Estado de Defesa Social – SEDS, hoje denominada Secretaria

de Estado de Administração Prisional – SEAP, em termos de produtividade de atendimentos: além do atendimento individual, temos vários trabalhos ligados a atividades sociais, campanhas de saúde, grupo de narcóticos, assim como uma demanda que vem dos outros setores quando a “presa dá trabalho”, “está surtando”. Acredito que o fato de ser um presídio feminino, e a segurança ser coordenada por mulheres, aparece uma certa sensibilização quanto às necessidades de um atendimento. E temos também a demanda espontânea, que em mulheres é maior do que a dos homens. Aos domingos, as presas, de acordo com suas necessidades, têm o direito de escrever um “fale comigo”, um pequeno bilhete endereçado aos profissionais da unidade. Nem sempre a demanda dirigida ao setor psicossocial (serviço social e psicologia), como chamamos, tem a ver com uma demanda de atendimento. Muitas vezes, a demanda é apenas buscar notícias sobre a família por meio de um telefonema, ou solicitar remédios. Mas, sempre é possível, a partir dessa acolhida, aparecer uma demanda de ser escutado em sua angústia. Essa intervenção pode ser possível apesar de todas as dificuldades institucionais. Só não podemos perder de vista a ética da psicanálise. É o que vai sustentar o trabalho do inconsciente. Este não se deixa aprisionar pelos muros da prisão.

É um desafio constante para fazer vigorar o discurso analítico, e isso só pode ser feito pelo desejo do analista. Cabe a ele garantir as condições de escuta desse sujeito buscando produzir um discurso e um movimento na direção contrária ao Código Penal.

Apesar da tentativa de enquadrar o sujeito, ele resiste, recusa-se a comer, faz exigências, briga, tenta se matar e a outrem, surta, subverte a disciplina. É preciso escutar isso, saber qual real está em jogo, muitas vezes para evitar uma passagem ao ato.

Apesar de toda vigilância e segurança, existe um lugar de acolhimento desse particular, uma escuta interessada, que faz laço e que pode ter um efeito sobre esse sujeito.

O que há de verdadeiramente humano para a psicanálise é, decerto, o sintoma, ou seja, aquilo que é singular de cada um e que permite aos homens fazer laço social. A psicanálise é uma prática que deve ser inventada, pois traz consigo a relação com o impossível e pode causar mal-estar na instituição por ir ao contrário de uma normatização.

O que acontece então com a detenta quando de seu encontro com um psicanalista? A aposta é que nesse encontro, mesmo distante de um enquadramento analítico habitual e que pode ficar limitado a apenas um encontro, bem como na ausência de uma demanda espontânea que possa gerar um efeito surpresa, seja aberta a possibilidade de um questionamento sobre os motivos que a trouxeram ali, fazer com que ela se pergunte pelo seu desejo.

Para Freud (1913), o analista é certamente capaz de fazer muito, mas não pode determinar, de antemão, exatamente quais os resultados que produzirá.

Para Lacan, a psicanálise soluciona um dilema da teoria criminológica: ao irrealizar o crime, ela não desumaniza o

criminoso e, “pela mola da transferência, ela dá acesso ao mundo imaginário do criminoso, que pode ser para ele a porta aberta para o real” (LACAN, 1998, p. 137).

Abstract: This text is an out-look at the practice of psychoanalysis in a female prison of the metropolitan area of Belo Horizonte, its impasses and the possibility of a different listening.

Keywords: Psychoanalysis. Crime. Prison system. Relationship with the Other and with the law.

Referências

BRASIL. Lei nº 7.210 de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal (LEP). *Diário Oficial da União*. Poder Executivo, Brasília, DF, 13 jul. 1984. Seção 1. p. 10227. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm>. Acesso em: 20 mar. 2016.

FREUD, Sigmund. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1911-1913). In: _____. *O Caso Schreber, artigos sobre técnicas e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 163-187. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, Sigmund. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 351-377. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

LACAN, Jacques. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 127-151.

LACAN, Jacques. Premissas a todo desenvolvimento possível da criminologia. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 127-135.

MINAS GERAIS. Lei nº 11.404 de 25 de janeiro de 1994. Contém normas de execução penal. *Minas Gerais - Diário do Executivo*, Belo Horizonte, MG, 26 jan. 1994. p. 1. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa-nova-min.l?tipo=LEI&num=11404&comp=&ano=1994&texto=consolidado>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

ZENONI, Alfredo. Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 15-26, jun. 2007. Disponível em: http://www2.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20080521171150.pdf. Acesso em: 20 mar. 2016.

Obras consultadas

Jornal do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, dez. 2005. Ano 2, n. 8.

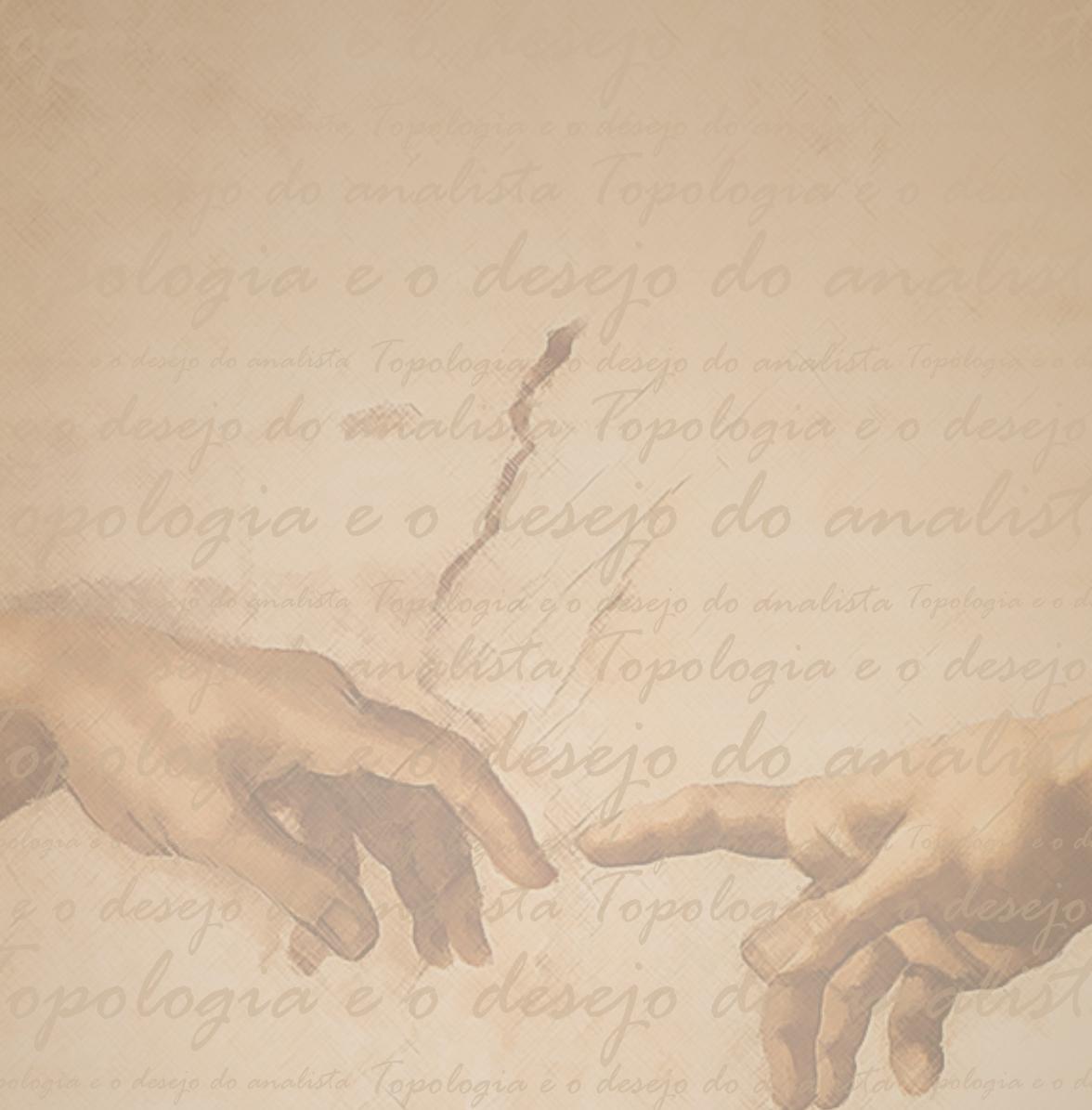
MINAS GERAIS. Lei Delegada nº 56 de 29 de janeiro de 2003, revogada pelo art. 14 da Lei Delegada nº 117 de 25 de janeiro de 2007. Dispõe sobre a Secretaria de Estado de Defesa Social e dá outras providências. *Minas Gerais - Diário do Executivo*, Belo Horizonte, MG, 30 jan. 2003, p. 4. Disponível em: <<http://www.almg.gov.br/consulte/legislacao/completa/completa>>.

html?tipo=1dl&num=56&comp=&ano=2003> .
Acesso em: 20 mar. 2016.

NASCIMENTO, M.A.O. O desejo do analista como operador lógico e o espaço de ex-sistência. *Revista on-line da ATO – escola de psicanálise*, Belo Horizonte, ano III, n. 2, p. 69-74, 2016. Disponível em: <http://www.atoescoladepsicanalise.com.br/revista_ato/ano3_n2/#p=68>. Acesso em: 20 mar. 2016.

OLIVEIRA, G. C.; GONÇALVES, C. M.; MENDES, P. G. Psicanálise aplicada ao sistema prisional: entraves e possibilidades. *Psicologia.PT – O portal do psicólogo*. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0856.pdf>>. Documento produzido em 22 março de 2015. Acesso em: 20 mar. 2016.

SANTOS, Mynéia Campos Oliveira. A escuta analítica numa instituição prisional. *Almanaque on-line - revista eletrônica do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 9, 2011. Disponível em: <<http://almanaquepsicanalise.com.br/todas-edicoe/almanaque-no-09/#/Home>>. Acesso em: 20 mar. 2016.



Normas de Publicação

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

As normas de publicação da Revista da ATO deverão estar de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), obedecendo à seguinte estrutura:

Apresentação gráfica

Digitação do texto

Fonte arial; corpo 12; espaçamento entrelinhas 1,5; parágrafo moderno (adota margem esquerda para todo o texto, exceto título e nome do autor); texto justificado; parágrafos duplos entre eles; margem esquerda e superior de 3 cm e margem direita e inferior de 2 cm (anverso); grafar entre aspas: títulos de livro, artigos, filmes, obras artísticas, palavras de realce; grafar em itálico: palavras estrangeiras e diálogos de analista/paciente.

Citações

As citações diretas e curtas (até três linhas) são inseridas no texto entre aspas duplas, e, logo após, deverão ser informados, dentro de parênteses, o sobrenome do autor em caixa alta, a data de publicação da obra e o número da página.

Exemplo: “É isso que faz a hiância entre a constituição do objeto privilegiado que surge na fantasia e toda espécie de objeto do mundo dito socializado, do mundo da conformidade” (LACAN, 1961, p. 240).

Quando tratar-se da obra de Freud, seguir as mesmas instruções acima, acrescentando o volume como se segue. Ex.: (FREUD, v. X, 1974, p. 15).

Uma citação dentro de outra é indicada por aspas simples.

Exemplo: “O enodamento dos três registros real, simbólico e imaginário do modo Borromeu foi uma descoberta que ‘me caiu como um anel no dedo’” (LACAN, 2012, p. 88).

As citações diretas e longas (mais de três linhas) devem constituir um parágrafo independente, recuado 4 cm da margem esquerda, com corpo 10 e espaçamento 1 entrelinhas, dispensando as aspas. Exemplo:

Esse objeto paradoxal, único, especificado, que chamamos objeto *a* –retomá-lo seria repisá-lo. Mas eu o presentifico para vocês de modo mais sincopado, sublinhando que o analisando diz em suma a seu parceiro, ao analista – Eu te amo, mas, porque inexplicavelmente amo em ti algo que é mais do que tu – o objeto *a* minúsculo, eu te mutilo (LACAN, 1964, p. 254).

As citações indiretas (livre) deverão ser sem aspas, informando o nome do autor em caixa-alta e baixa, por fora dos parênteses e, em seguida, dentro dos parênteses, somente o ano de publicação.

Obs.: a inclusão da página é opcional.

Exemplo: Lacan (2003) nos aponta que a verdade a que a psicanálise pode conduzir o criminoso não pode ser desvinculada do respeito pelo sofrimento do homem.

Notas de rodapé

Não deverão ser aplicadas nas normas da Revista da ATO as notas de referências em rodapé. Somente serão inseridas as notas explicativas (referem-se a comentários e/ou observações pessoais do autor). Para fazer a chamada, usam-se algarismos arábicos, na entrelinha superior, sem parênteses, após a pontuação da frase (se houver), com numeração consecutiva, evitando-se recomeçar a numeração a cada página.

Obs.: para inserir nota de rodapé, ir em “Referências” e, em seguida, clicar em “Inserir Nota de Rodapé”.

Elementos pré-textuais

Título: grafado em negrito, fonte arial, corpo 12.

Nome do autor: colocado abaixo do título do artigo, em negrito, fonte arial, corpo 12, acrescido de nota de rodapé com algarismo arábico.

Resumo: localizado logo após o nome do autor, não deve exceder a 250 (duzentos e cinquenta) palavras.

Palavras-chave: localizadas logo abaixo do resumo, são separadas entre si por ponto final.

Elementos textuais

Desenvolvimento do tema com inserção de citações por meio de consulta da literatura com o propósito de esclarecer ou complementar as ideias do autor do artigo. A fonte de onde foi extraída a informação deve ser citada obrigatoriamente, respeitando desta forma os direitos autorais.

Elementos pós-textuais

Resumo em língua estrangeira: Abstract, Résumé, Resumen.

Palavras-chave em língua estrangeira: Keywords, Mots-clés, Palabras-llave.

Referências

As referências são digitadas na margem esquerda, usando-se espaço simples entrelinhas e dois espaços simples para separar as referências entre si. Adotar o sistema alfabético (ordem alfabética de entrada) para a ordenação das referências.

Para obras de Freud:

FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer (1920). In _____. *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17-85. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

Para obras de Lacan:

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

Para livros em geral (exceto livros de Freud e Lacan):

SOBRENOME, Nome (do autor). *Título do livro*. Edição (a partir da 2ª edição). Local (cidade): Editora, ano.

RABINOVICH, Diana S. *Angústia e o desejo do Outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

Para capítulo de livro:

SOBRENOME, Nome (do autor do capítulo). Título do capítulo. In: SOBRENOME, Nome (do autor, organizador, editor, etc. do livro). *Título do livro*: subtítulo (se houver). Edição (a partir da 2ª edição). Local (cidade): Editora, ano. volume (v.), capítulo (cap.), páginas (p.) inicial-final.

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497.

Para teses, dissertações, monografias e outros trabalhos acadêmicos:

SOBRENOME, Nome. *Título*: subtítulo. Ano (de apresentação). Número de folhas/páginas ou volumes. Tipo de trabalho (categoria e área de concentração) – Nome da Faculdade, Nome da Universidade, Cidade, Ano (de defesa).

Obs.: se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) ano.

(Exemplo fictício)

SILVA, João. *Pontuação*: o jogo da construção de sentido. 2010. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Para trabalhos publicados em anais de congressos e eventos congêneres:

SOBRENOME, Nome. Título do trabalho: subtítulo. In: NOME DO CONGRESSO, número (do congresso), ano, Local de realização (Cidade). *Título da publicação* (Anais..., Atas...). Local de publicação (Cidade): Editora, ano. páginas (p.) inicial-final do trabalho.

Obs.: se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) ano.

(Exemplo fictício)

PLISS, Nonna. Comunicação organizacional hoje: nada será como antes. In: CONGRESSO INTERNACIONALDE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 3., 2009, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UEPR, 2009, p. 144-157.

Para artigos científicos de revistas:

SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *Nome do periódico*, Cidade, volume (se houver), ano (ano III), número (da edição da revista), página inicial-final (do artigo), mês (ou meses, ou indicação de semestre – se houver) ano (de publicação).

Obs.: se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) ano.

NASCIMENTO, M.A.O. O desejo do analista como operador lógico e o espaço de ex-sistência. *Revista on-line da ATO – escola de psicanálise*, Belo Horizonte, ano III, n. 2, p. 69-74, 2016. Disponível em: <http://www.atoescoladepsicanalise.com.br/revista_ato/ano3_n2/#p=68>. Acesso em: 20 mar. 2016.

Para artigos de jornal:

SOBRENOME, Nome (do autor do artigo). Título do artigo. *Título do jornal*, Local (cidade), dia mês (abreviado conforme a ABNT) ano. Número ou título do caderno, seção ou suplemento, páginas inicial-final (do artigo).

Obs.: se estiver em formato eletrônico, acrescenta-se, ao final: Disponível em: <www. ...>. Acesso em: dia, mês (abreviado conforme a ABNT) ano.

(Exemplo fictício)

TEZZI, Manir. Novos ventos na economia. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 7 set. 2011. Economia e negócios, p. 15-17.

Para autores citados em anotações pessoais:

ANOTAÇÕES do *Seminário Abordagem topológica da presença do analista*, coordenado por Arlete Campolina, Belo Horizonte, 2016.

Obras consultadas:

Caso o autor do artigo tenha consultado outras fontes de informação, bibliográficas e não bibliográficas, que serviram de

orientação editorial para seu texto, mas que **não** estão presentes como referências de citações diretas ou indiretas no corpo do texto, essas fontes devem ser relacionadas, em separado, como “**Obras consultadas**”, logo após o elemento pós-textual “**Referências**”.

